



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE BIOLOGIA**



**CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM DIVERSIDADE E INCLUSÃO**

**NOEMI BENEQUES HOROWICZ**

**VIDEOAULAS SOBRE ARTES EM LIBRAS:  
FERRAMENTAS PARA O FOMENTO DA  
CRIATIVIDADE E SUSTENTABILIDADE**

Dissertação submetida a Universidade Federal Fluminense  
visando à obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ruth Maria Mariani Braz**

**Niterói  
2016**

**NOEMI BENEQUES HOROWICZ**

**VIDEOAULAS SOBRE ARTES EM LIBRAS:  
FERRAMENTAS PARA O FOMENTO DA  
CRIATIVIDADE E SUSTENTABILIDADE.**

Trabalho desenvolvido no Instituto de Biologia,  
Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão,  
Universidade Federal Fluminense.

Dissertação de Mestrado submetida a  
Universidade Federal Fluminense como  
requisito parcial visando à obtenção do  
grau de Mestre em Diversidade e Inclusão

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ruth Maria Mariani Braz**

## FICHA CATALOGRÁFICA

---

H816 Horowicz, Noemi Beneques

Videoaulas sobre artes em libras: ferramentas para o fomento da criatividade e sustentabilidade / Noemi Beneques Horowicz. – Niterói: [s.n.], 2016. 71f.

Dissertação (Mestrado em Diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, 2016.

1. Surdez. 2. Criatividade (Educação). 3. Arte na Educação. 4. Educação inclusiva. 5. Percepção visual. 6. Língua brasileira de sinais. 7. YouTube (Recurso eletrônico). 8. Rede social. 9. Bibliografia. 10. Vídeo na educação. I. Título.

CDD. 371.912

---

**NOEMI BENEQUES HOROWICZ**

**VIDEOAULAS SOBRE ARTES EM LIBRAS: FERRAMENTAS PARA O  
FOMENTO DA CRIATIVIDADE E SUSTENTABILIDADE.**

Dissertação de Mestrado submetida a  
Universidade Federal Fluminense como  
requisito parcial visando à obtenção do  
grau de Mestre em Diversidade e Inclusão.

**Banca Examinadora:**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ruth Maria Mariani Braz – Curso de Mestrado Profissional em  
Diversidade E Inclusão – Universidade Federal Fluminense  
(Orientador/Presidente)**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angelina Acceta Rojas – Núcleo de Arte e Cultura – Unilasalle**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Solange Rocha – CMPDI – UFF/INES**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neuza Rejane Wille Lima– Instituto de Biologia– UFF**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dilvani Oliveira Santos – Instituto de Biologia – UFF (Suplente)**

*“Todas as artes contribuem para a maior de todas as artes, a arte de viver.”*

Bertolt Brech

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por sempre recompensar os meus esforços realizando os meus sonhos.

Aos meus pais, em especial à minha saudosa mãe, que hoje deve estar muito feliz, pois dizia ser a educação a melhor herança que deixaria e não mediu esforços para me oferecer um ensino de qualidade.

Ao meu marido Arnaldo, pelo apoio, paciência e carinho durante o Mestrado.

À minha amada filha Nicole, companheira em todos os momentos, pela compreensão da minha ausência e por sempre encher o meu coração de orgulho.

À minha orientadora e amiga Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ruth Maria Mariani, por me acolher com carinho, e me fazer acreditar na minha capacidade. Seguir os seus ensinamentos foi primordial para que eu chegasse até aqui.

Ao Orientador Prof. Dr Luiz Antônio Botelho Andrade por me direcionar nos primeiros momentos do Mestrado.

À Angelice Barcellos, amiga dos momentos difíceis, sempre me incentivando a seguir em frente, me alimentando com textos, livros e materiais. Sua ajuda foi fundamental para conclusão desta etapa tão importante na minha vida.

À minha amiga Lúcia Fonseca pelo incentivo e ajuda nos momentos difíceis.

Às amigas Paola Mota, Graça Maria Dias e Adreanna Pelози pelo incentivo e colaboração.

À equipe do Spread The Sign, Alex Sandro Lins, Aline Angel, Juliete Viana, Gabriel Martins e Stella Manes, pelo apoio, colaboração e participação na confecção do meu produto.

Aos meus alunos Surdos, do Instituto Nacional de Educação de Surdos, que foram a motivação deste trabalho.

À direção do Instituto Nacional de Educação de Surdos, pela licença concedida para o Mestrado.

Aos docentes do CMPDI em especial a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neuza Rejane Wille Lima pelo carinho e seus ensinamentos.

À amiga Roberta Pires, que encontrei no Mestrado e parece que conheço há muito tempo. Nossas conversas e trocas de informações, amenizavam o cansaço e a ansiedade para chegar ao final.

Aos amigos do CMPDI, Ricardo Malheiros, Sonia Mendes, Tania Maria Moratelli, Lindiane Nascimento e Daniela da Conceição, pela força, pelos momentos divertidos. O apoio de todos foi muito importante durante esta caminhada.

# SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	VI
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	IX
LISTA DE QUADROS.....	X
LISTA DE ABREVIATURAS .....	XI
RESUMO.....	XII
ABSTRACT.....	XIII
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 MEMORIAL PROFISSIONAL .....	1
1.2 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUA TRAJETÓRIA .....	3
1.3 A TRAJETÓRIA DAS ARTES VISUAIS.....	10
1.4 O INES E O SURDO NO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA .....	15
1.4.1 A Escolinha de Arte do INES .....	23
1.4.2 O surdo, a LIBRAS e sua inclusão.....	26
1.5 REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM .....	28
2 OBJETIVOS.....	30
2.1 OBJETIVO GERAL.....	30
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	30
3. MATERIAL E MÉTODOS.....	31
3.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	31
3.1.1 FotoLIBRAS – Arte surda.....	31
3.2 PRODUÇÃO DE VÍDEOS .....	32
3.3 A PÁGINA DO <i>FACEBOOK</i> .....	33
3.3.1 O canal CriarteLIBRAS no <i>YouTube</i> .....	33
3.3.2 O <i>Blog</i> CriarteLIBRAS.....	33
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	35
4.1 A CRIATIVIDADE NO ESPAÇO DA AULA DE ARTES .....	35
4.1.1 FotoLIBRAS.....	41
4.2 AS VIDEOAULAS.....	46
4.3 <i>FACEBOOK</i> .....	50
4.3.1 O <i>Blog</i> .....	51
5. CONCLUSÕES.....	53
6. REFERÊNCIAS .....	54
7. APÊNDICES .....	60
7.1 TERMO DE CESSÃO DE IMAGEM .....	60
7.2 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	61
8. ANEXOS.....	62
8.1 PARTICIPAÇÕES EM EVENTOS .....	62
8.2 APRESENTAÇÕES DE TRABALHOS .....	62
8.3 CARTA DE ACEITE DO ARTIGO “A BRINCADEIRA ESTA NO AR” .....	63
8.4 CARTA DE ACEITE DO ARTIGO “O USO DE HISTÓRIAS INFANTIS COMO FERRAMENTA CRIATIVA NAS AULAS DE ARTES VISUAIS” .....	64
8.5 ARTIGO PUBLICADO NO JORNAL FLUMINENSE EM 18/12/2014 .....	65
8.6 ENTREVISTAS .....	66

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Primeiro documento oficial do INES.....	17
Figura 2 (A) e (B) - Iconographia dos signaes dos surdos-mudos.....	19
Figura 3 - Foto do INES no ano de 1915.....	20
Figura 4 - Foto do INES no ano de 1926.....	21
Figura 5 - Foto atual do INES no ano de 2007.....	21
Figura 6 (A) e (B) - Produções artísticas de meus discentes de 1991 .... <b>Erro! Indicador não definido.</b>	
Figura 7 - Produções artísticas de discentes do INES, reaproveitamento de materiais.....	36
Figura 8 - Produção artística dos discentes do INES. Pintura em cavalete.....	36
Figura 9 - Mural de exposição das pinturas de discentes do INES.....	37
Figura 10 - Máscaras confeccionadas pelos discentes do INES, utilizando bola de encher jornal, cola e tinta.....	37
Figura 11 (A) e (B) - Desenhos da fachada do INES realizados por um discente .....	38
Figura 12 - Ônibus confeccionado com papelão .....	40
Figura 13 - Árvore de Natal confeccionada por discentes, com garrafinhas de iogurte	40
Figura 14 - Escultura feita com canudos e arame.....	41
Figura 15 - Bonecos feitos com garrafa PET, cola, jorna e tinta.....	41
Figura 16 - Fotografos Surdos, Artistas da exposição “Por Contato”.....	44
Figura 17 - Foto da Exposição “Por Contato” .....	44
Figura 18 - Foto da Exposição “Por Contato” .....	45
Figura 19 - Foto da Exposição “Por Contato” .....	45
Figura 20 (A) e (B) - Foto do projeto “Mosaicos Fotográficos”.....	46
Figura 21 - Frame 1: Videoaula Bilboquê.....	47
Figura 22 - Frame 2: Videoaula Pião de CD.....	47
Figura 23 - Frame 3: Videoaula Catavento .....	48
Figura 24 - Frame 4: Videoaula Globo garrafa PET .....	48
Figura 25 - Frame 5: Videoaula Barangandão .....	48
Figura 26 - Capa do DVD.....	49
Figura 27 - Logomarca utilizada nos produtos.....	49
Figura 28 - Frame 6: Página CriarteLIBRAS no <i>Facebook</i> .....	50
Figura 29 - Frame 9: <i>Blog</i> CriarteLIBRAS .....	51

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais eventos internacionais da história da Educação Ambiental.....	5
Quadro 2 - Lista de endereços do INES ao longo dos anos.....	22

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CNE/CEB – Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica

EA - Educação Ambiental

EAB - Escolinha de Arte do Brasil

INES- Instituto Nacional De Educação de Surdos

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

MAR- Museu de Arte do Rio de Janeiro

MEC - Ministério da Educação

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PNUMA - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente

TCLE - Termo de Livre consentimento de Participação na pesquisa

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## RESUMO

Com base na minha experiência como docente de artes visuais para surdos desde 1991, ao longo dos anos de magistério, pude perceber, através de inúmeras observações, leituras, diálogos com colegas e com a comunidade surda, a necessidade de um aprofundamento teórico reflexivo sobre os múltiplos significados das “expressões da criatividade” de estudantes surdos em um espaço escolar democrático, denominado “sala de artes”, local onde o aluno surdo goza de maior liberdade para criar e expressar-se. O trabalho de artes visuais possibilita o intercâmbio com as outras disciplinas, aproximando a compreensão dos conteúdos desenvolvidos nessas aulas, visando a interdisciplinaridade através do fazer artístico, proporcionando aos alunos além da aprendizagem, o seu desenvolvimento integral. Assim, a presente pesquisa teve por objetivo criar videoaulas explicativas com legendas em Língua Brasileira de Sinais, atuando na produção de conteúdos voltado para sustentabilidade com base no reaproveitamento de materiais para a confecção de brinquedos ou produções artísticas. Desta forma esse estudo pretendeu participar do movimento de novas visões frente à educação inclusiva, estimulando a utilização do potencial criativo e com a preocupação de uma sociedade justa; acreditando serem as escolas espaços importantes para o início da realização destes objetivos. A pesquisa foi qualitativa e temos como produto os registros dos trabalhos desenvolvidos nas aulas de Artes através das cinco videoaulas. A divulgação dos trabalhos foi feita na página do *Facebook* CriarteLIBRAS e as videoaulas com legendas em LIBRAS no *YouTube* com página de mesmo nome. O estudo em questão, tem como foco a arte-educação no sentido de ajudar no desenvolvimento do discente e a sua formação de um cidadão mais consciente inserido em uma sociedade, incentivando o despertar do criar, inventar, reutilizar e transformar.

**Produtos:** Cinco videoaulas sobre artes com legendas em LIBRAS e Língua Portuguesa, página no *YouTube*, página no *Facebook* e criação de um *Blog*.

**Palavras chaves:** Surdez, Criatividade artística, Artes Visuais, Sustentabilidade.

## ABSTRACT

Based on my experience as a teacher of visual arts for deaf students since 1991, I could see over the years of teaching through numerous observations, readings, conversations with colleagues and with the deaf community, the need for a reflective theoretical study on multiple meanings of "expressions of creativity" of deaf students in a democratic school environment, called "art room" where the deaf student enjoys greater freedom to create and express your creativity. The visual arts work enables the exchange with other disciplines, approaching the understanding of the contents developed in these classes, aimed at interdisciplinarity through artistic practice, providing students beyond learning, their integral development. Thus, the objective of this research is to create video-lessons with explanatory subtitles in Brazilian Sign Language, acting in the production of content focused on sustainability based on the reuse of materials in order to make toys or other artistic productions. This project aims to participate in the movement of new views across inclusive education, stimulating the use of creative potential, as concern a just society, believing that the schools are the important areas for the start of the realization of these goals. The research is qualitative and the products are the documentations of the work through the five video-lesson films. The results of this work were spread and promoted through the *Facebook* page CriarteLIBRAS and the video-lessons through the *YouTube* page by the same name. The study in question, focus on art-education to assist in the development of the student and the formation of a more conscious citizen inserted in a society, awakening the idea of creating, inventing, reusing and transforming.

**Products:** Five video-lessons on art with subtitles in Brazilian Sign Language and Portuguese, *YouTube* page, *Facebook* page, and the creation of a *Blog*.

**Keywords:** Deafness, Artistic Creativity, Visual Arts, Sustainability

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 MEMORIAL PROFISSIONAL

Meu contato com a deficiência havia se dado pelo fato de que meu primeiro emprego, no ano de 1986, ano em que concluí o curso de Educação Artística, habilitação em Artes plásticas, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi em uma escola de crianças excepcionais, termo usado na época quando falávamos de crianças deficientes, terminologia usada atualmente conforme a Conferência Mundial das Pessoas com Deficiência (BRASIL, 2007). Na referida escola não tinha surdos, apenas discentes com síndrome de Down, autismo, déficit de atenção, dentre outros. Foi assim o meu primeiro contato com a deficiência e que muito me ensinou, fazendo com que eu me tornasse uma profissional com olhar especial, sempre atenta ao respeito e às diferenças.

Minha trajetória profissional no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) teve início em 1991, quando fui classificada no concurso público e tomei posse para lecionar para surdos. Ao entrar no prédio do INES, senti a arte presente através do prédio construído em 1914, em estilo neoclássico, com pé direito alto, escadarias em mármore com base em ferro trabalhado. Na entrada esculturas feitas por antigos discentes demonstravam a presença e a valorização da arte na instituição.

Ao longo desses 24 anos como docente de artes, com discentes surdos, no INES, pude perceber que a base do trabalho é o reconhecimento da sua língua e a importância da utilização da mesma, como forma de comunicação. Vale ressaltar que a inclusão desses discentes na escola acontece quando encontramos nas turmas estes que, além da surdez, possuem deficiências de natureza física, intelectual, mental e sensorial.

Eu estava em um universo diferente, onde a língua usada para a comunicação era a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), reconhecida no Brasil em 2002, língua que eu estava aprendendo. Mas uma coisa me deixava mais tranquila, a linguagem artística usada em minhas aulas era universal, em que a emoção e a criatividade sempre presentes faziam com que a expressão da linguagem artística acontecesse de forma natural e intuitiva.

O setor onde iniciei minhas atividades recebeu o nome de Escolinha de Arte nele fui muito bem recebida pelos docentes que lá atuavam. O espaço da Escolinha de Arte era e ainda é o sonho de qualquer docente de Arte. Chamou-me atenção a quantidade de “sucatas”, que hoje são conhecidos como materiais reaproveitáveis, organizados em caixas e a valorização dada às atividades realizadas com estes materiais. Diante deste cenário pude perceber tudo o que precisava para realizar os trabalhos que acreditava serem importantes para o desenvolvimento dos meus discentes.

Particpei de cursos de LIBRAS, mas era na sala de aula que a aquisição da língua acontecia de forma natural com os meus discentes, que nestes momentos se tornavam meus docentes. Como toda língua, é na prática que a aprendizagem acontece.

Durante as minhas aulas percebi a necessidade e o interesse dos discentes pelos trabalhos tridimensionais, sair do papel me parecia poder observar a criatividade deles acontecer. Isso poderia acontecer com outras técnicas, mas ao construir seus trabalhos utilizando materiais, que na época eram chamados de sucata, a imaginação tornava-se concreta. Do meu ponto de vista, isso não acontecia, quando usávamos o papel e a pergunta:

- “O que eu desenho?” perguntava o discente.
- “O que quiser, você é livre para escolher.” respondia-lhe.

Mesmo com uma explicação em Língua de Sinais, a pergunta permanecia.

De outro modo, ao desenvolver projetos de trabalhos com sucata ou a modelagem em argila, esse tipo de pergunta não era feita e toda a criatividade aflorava.

Sendo assim, durante o ano letivo escolhia um bimestre para a realização de trabalhos baseados no reaproveitamento de materiais, fossem eles o jornal, as caixas, tampas, restos de lã, e com isso não podia ver esses materiais sendo jogados fora, pois todos teriam uma finalidade nas mãos dos meus pequenos artistas. Dessa forma minha sala de aula precisava ter espaço e materiais necessários para que a criatividade dos discentes surdos pudesse ser desabrochada. Acreditava que para dar asas às suas imaginações era necessário que o fácil acesso a materiais, que chamávamos de sucata e que poderiam ser jogados no lixo, agora eram transformados em brinquedos, objetos

artísticos, máscaras, fantoches, esculturas, entre outros. Assim começava a minha história no Instituto Nacional de Educação de Surdos, onde vivi a minha prática profissional nos últimos 24 anos.

Alguns desses trabalhos desenvolvidos pelos discentes foram guardados através de registros fotográficos, os quais serão utilizados para ilustrar esta dissertação.

O tema da pesquisa não foi difícil de escolher, pois sempre esteve presente nas minhas aulas. O uso e o reaproveitamento de materiais, como a sucata, deram origem ao tema da dissertação: Videoaulas de artes com legendas em LIBRAS, ferramentas para o fomento da criatividade e sustentabilidade.

Assim sendo, descreverei um pequeno histórico da Educação Ambiental, das artes visuais no contexto sustentável, a criatividade no contexto das aulas de artes, o INES e o surdo no cenário da Educação Inclusiva e as redes sociais como ferramenta de aprendizagem.

## **1.2 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUA TRAJETÓRIA**

A Degradação Ambiental teve início há 4 mil anos com o aumento da população humana.

Quando Roma se tornou “dona do mundo”, foi visível reconhecer a sua supremacia na engenharia civil, com suas estradas, banhos públicos e aquedutos. Entendendo que essas construções são uma forma de armazenar, cuidar e usar água, o homem começou a perceber e fazer uso do que chamamos de saneamento. Os registros históricos sugerem que os romanos foram a primeira civilização a cuidar especificamente desta questão.

A História nos mostra que, com a invenção das máquinas após a primeira revolução industrial, em meados do século XVII, na Inglaterra, foram inventadas também as locomotivas para facilitar a comunicação entre as cidades. Tais invenções utilizavam como combustível a queima do carvão mineral, ocasionando a emissão de gases poluentes em grande escala. Segundo Zucatto (2008), a degradação do meio ambiente se intensificou em decorrência do uso sem controle dos recursos oferecidos pela natureza.

Com as máquinas e as locomotivas, a emissão destes gases aumentou com o passar dos anos. Em meados do século XIX, começou o uso do petróleo,

que causa um impacto ambiental um pouco menor, mas a emissão do gás carbônico se mantém. A consequência da emissão de gases levou ao comprometimento da qualidade do ar, já o uso abusivo de materiais e recursos naturais trouxe como consequência os desmatamentos, ocasionando o enfraquecimento do solo.

No último século, em decorrência dos impactos ambientais causados pelas ações do homem, estamos percebendo as alterações climáticas em todos os continentes, assim como a carência de vários recursos da natureza (ZUCATTO, 2008).

As discussões a respeito da defesa do meio ambiente se iniciaram há pouco mais de quatro décadas, quando aconteceu a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, reunida em Estocolmo de 5 a 16 de junho de 1972, na capital da Suécia. Essa Conferência foi a primeira atitude mundial a tentar preservar o meio ambiente, na qual concluiu-se que a produção industrial seria a causa da degradação do meio ambiente. A Recomendação 96, da Declaração de Estocolmo, indicava a necessidade de realizar uma Educação Ambiental (EA) como instrumento estratégico na busca da melhoria da qualidade de vida e na construção do desenvolvimento (REIGOTA, 1994; 1995).

Para LAGO (2007), os acontecimentos anteriores a esta conferência, apresentavam questões referentes aos modelos de desenvolvimentos ocidentais versus os socialistas. Nos Estados Unidos, aconteciam protestos sobre direitos civis como consequências da Guerra do Vietnã.

A educação especial na década de 1970 começava a discutir a integração do deficiente na sociedade, pois passou-se a acreditar no potencial das pessoas com deficiência. Ela passa a ser estabelecida da resposta educacional e não mais pela categoria com perfis clínicos, assim passou a reavaliar os limites entre a “normalidade e o fracasso” e a deficiência (COLL *et al*, 1995).

As Conferências, como exemplos, a de Jomtien na Tailândia em 1990 e a de Salamanca na Espanha em 1994, aconteceram pelos direitos humanos, independente da cor, credo, religião ou deficiência. Esses documentos foram ao encontro da proposta de construção de uma sociedade sustentável e propunham uma educação de qualidade para todos.

Assim sendo, a Educação Ambiental passou a ser um tema transversal no currículo das escolas e a ter como objetivo a criação de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental que nos envolve no mundo contemporâneo. Através dela formamos valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a preservação do meio ambiente, questão comum em todas as diversas populações. (LEITE; MEDINA, 2001).

Rachel Carlson, em 1962, publicou “Primavera Silenciosa”, onde tratou da contaminação dos agrotóxicos nos alimentos e o quanto isso estava prejudicando a saúde dos seres humanos. Essa foi a primeira publicação que se tem registro a respeito do tema e tratou do assunto com muito vigor, pois mostrava a todos que temos que cuidar do meio ambiente.

No âmbito internacional, as conferências aconteceram em diversos países sempre com a preocupação de preservação do meio ambiente e da Educação Ambiental, como demonstramos no Quadro 1. Tais acontecimentos levaram a uma mudança na sociedade mundial, por uma participação de todos na sustentabilidade social e cultura.

**Quadro 1** - Principais eventos internacionais da história da Educação Ambiental.

<b>Ano</b>	<b>Evento</b>
<b>1962</b>	É utilizada a expressão “Educação Ambiental” (Environmental Education) na “Conferência de Educação” da Universidade de Keele, Grã-Bretanha.
<b>1966</b>	Pacto Internacional sobre os Direitos Humanos - Assembléia Geral da ONU. Teve como tema principal a discussão sobre os direitos da liberdade, justiça e respeito ao ser humano englobando a todos.
<b>1968</b>	Fundação do Clube de Roma, em 1968, onde pessoas ilustres debateram a situação do meio ambiente, através de políticas preventivas que visem o desenvolvimento sustentável.
<b>1972</b>	Conferência de Estocolmo - Discussão do Desenvolvimento e Ambiente. Determinou o conceito de Ecodesenvolvimento e convocou a II Conferência, realizada em 1992 no Rio de Janeiro (a ECO92).
<b>1974</b>	Seminário de Educação Ambiental em Jammi, Finlândia. Reconhece a Educação Ambiental como educação integral e permanente.
<b>1975</b>	Congresso de Belgrado - Carta de Belgrado. Estabeleceu as metas e os princípios da Educação Ambiental. Teve como objetivo conscientizar a população quanto os problemas do meio ambiente e estabeleceu a erradicação da fome, da pobreza e do analfabetismo como metas primordiais. Foi criado o Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA) que estabeleceu uma conscientização internacional sobre Educação ambiental. Foi a preparação para ECO92.
<b>1976</b>	Criação dos cursos de Educação Ambiental nas universidades, onde passaram a ser discutidas as questões ambientais na América Latina que estavam ligadas às necessidades de subsistência e aos direitos humanos.

	No Congresso de Educação Ambiental Brasarville, realizado na África, reconheceu-se que a pobreza seria o principal problema ambiental.
<b>1977</b>	Realizada na Geórgia, em Tibilisi (ex-União Soviética), primeira conferência intergovernamental sobre Educação Ambiental. Convocou os países participantes a incluírem a Educação Ambiental em suas políticas educacionais.
<b>1980</b>	Foi realizada a Primeira Conferência Asiática sobre Educação Ambiental, em Nova Delhi na Índia, em 1987, onde o Relatório da Comissão Brundtland, Nosso Futuro Comum, fez uma crítica aos modelos adotados pelos países desenvolvidos e os padrões de consumo vigentes. Seminário Regional Europeu sobre Educação Ambiental para Europa e América do Norte. Ressaltou a importância da troca de informações e experiências. Seminário Regional sobre Educação Ambiental nos Estados Árabes, Manama, Bahre, realizado pela UNESCO-PNUMA. Nele destacou-se a contínua vulnerabilidade do meio ambiente durante conflitos e a importância da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.
<b>1987</b>	Congresso Internacional da UNESCO-PNUMA sobre Educação e Formação Ambiental, realizado em Moscou. Nele foi realizada a avaliação dos avanços desde Tbilisi, reafirmaram-se os objetivos da Educação Ambiental, sinalizando a importância e a necessidade da pesquisa e da formação nesta área, promovendo uma conscientização e transmitindo informações para o desenvolvimento de hábitos, habilidades e valores.
<b>1988</b>	Declaração de Caracas, ORPAL-PNUMA, sobre Gestão Ambiental na América. Divulgou e priorizou a modificação do modelo de desenvolvimento.
<b>1989</b>	Primeiro Seminário sobre materiais para a Educação Ambiental. ORLEAC-UNESCO-PIEA, em Santiago no Chile. Nela foi registrado a importância da cooperação internacional sobre o tema.
<b>1989</b>	Declaração de Haia, preparatório da Rio92, apontou a importância da cooperação internacional nas questões ambientais e defendeu o direito de se viver em um ambiente sustentável, lembrando ainda que é dever do Estado.
<b>1990</b>	Conferência Mundial sobre Ensino para Todos, Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem, em Jomtien na Tailândia. Destacou-se o conceito de Analfabetismo Ambiental e a ONU declarou o ano Internacional do Meio Ambiente.
<b>1991</b>	Ano Internacional do Meio Ambiente. Reuniões para organização da Rio92.
<b>1992</b>	Conférence sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, UNCED, Rio/92. Criada a Agenda 21, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis, onde aconteceu o Fórum de ONGs e Movimentos Sociais, que assinaram o compromisso da sociedade civil com a Educação Ambiental e o Meio Ambiente. Carta Brasileira de Educação Ambiental. Apontou ainda da necessidade de capacitação de recursos para ações na área.
<b>1993</b>	Congresso Sul-Americano, na Argentina, que foi uma continuidade da ECO92. Conferência dos Direitos Humanos em Viena. Afirmou que todos os direitos do homem extraem da dignidade e do valor inerente à pessoa humana e tem como o tema central a sua autonomia.
<b>1994</b>	Conferência Mundial da População, realizada no Cairo em 1994. I Congresso Ibero Americano de Educação Ambiental, em Guadalajara no México.

	<p>Determinou a importância da redução da mortalidade infantil e materna; o acesso à educação, especialmente para as meninas, e o acesso universal a serviços de saúde reprodutiva, incluindo o planejamento familiar.</p> <p>Na Conferência Mundial de Educação Especial, em Salamanca na Espanha, o foco foi a inclusão total: Educação para Todos.</p>
<b>1995</b>	<p>Conferência para o Desenvolvimento Social, em Copenhague.</p> <p>Defendeu o desenvolvimento e a inclusão social visando o bem-estar da sociedade, através de um ambiente econômico-político-social-cultural e jurídico que permita o desenvolvimento de todos.</p> <p>Conferência Mundial da Mulher, em Pequim.</p> <p>Pregou a igualdade de gênero, o desenvolvimento da paz visando a diminuição da pobreza, violência contra as mulheres, os conflitos armados, a melhoria na educação e formação saúde.</p> <p>Conferência Mundial do Clima.</p> <p>Foi determinado a proteção do sistema climático em benefício para as futuras gerações.</p>
<b>1996</b>	<p>Conferência Habitat II, em Istambul, visou a melhoria da qualidade de vida dentro dos assentamentos humanos, garantindo a moradia a todos.</p>
<b>1997</b>	<p>II Congresso Ibero-americano de Educação Ambiental, em Guadalajara no México.</p> <p>Conferência sobre Educação Ambiental, em Nova Delhi.</p> <p>Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Sociedade: Educação e Conscientização Pública para a Sustentabilidade, em Thessaloníki na Grécia.</p> <p>Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Sociedade: Educação e Conscientização Pública para a Sustentabilidade.</p> <p>Encorajou os sistemas escolares a ajustarem seus currículos para um futuro sustentável.</p>
<b>1999</b>	<p>É lançada a revista Tópicos em Educação Ambiental, uma publicação internacional editada no México, que buscou expandir a cultura científica e informações sobre as variadas vertentes e áreas da educação ambiental.</p>
<b>2002</b>	<p>A Assembleia Geral das Nações Unidas, depositou na Unesco a responsabilidade pela implementação, durante sua 57ª sessão, a resolução nº 254, que declarou 2005 como o início da Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável. Enfatizou a importância do respeito e a tolerância da diversidade humana.</p>
<b>2003</b>	<p>Durante a XIV Reunião do Foro de Ministros de Meio Ambiente da América Latina e Caribe, em novembro no Panamá, é oficializado o Programa Latino-Americano e Caribenho de Educação Ambiental (PLACEA), que teve como foro de discussões a consolidação das políticas públicas e a série dos congressos ibero-americano de educação ambiental, visando o desenvolvimento sustentável.</p> <p>Em Portugal, durante as XII Jornadas Pedagógicas de Educação Ambiental da Associação Portuguesa de Educação Ambiental (ASPEA), a Rede Lusófona do curso de Educação Ambiental reuniu educadores brasileiros, portugueses e outras nacionalidades de língua portuguesa para discutir e traçar ações coletivas.</p>
<b>2012</b>	<p>A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável foi realizada na cidade do Rio de Janeiro. A Rio+20 marcou os vinte anos após a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92) e contribuiu para afirmar os objetivos da agenda do desenvolvimento sustentável para o futuro.</p>

<b>2015</b>	A Agenda de Desenvolvimento Sustentável Pós-2015, passa a ser chamada Agenda 2030 e tem como objetivo rever o desenvolvimento do milênio. Busca por esforços de todos os países participantes a fim de obter a melhoria do futuro da humanidade.
-------------	--

Fonte: Elaborado a partir de MMA [2015].

Essas conferências nos levam a uma reflexão, dentre outras, sobre as ações dos governos quanto às práticas sociais para a sustentabilidade. A Educação Ambiental passou a ser considerada como campo de ação pedagógica, com importância e vigência internacional.

Pelo fato de se pensar a natureza como uma fonte inesgotável de riqueza, o homem causou muitos prejuízos ao meio ambiente, ao se desenvolver em favor de seus objetivos.

Durante a Conferência de Estocolmo (em 1972), por exemplo, um dos temas alertou a população mundial quanto a necessidade de nos preocuparmos com a preservação dos ecossistemas, os recursos naturais, o ar, a água, o solo, a flora e a fauna, para que as gerações futuras e atuais possam usufruir destes recursos. Nesse congresso, o termo sustentabilidade não foi mencionado, embora o tema estivesse presente nas entrelinhas da declaração como sustentabilidade social, econômica e ecológica (JACOBI, 2003).

Nos países em desenvolvimento, a maioria dos problemas ambientais está motivada pelo subdesenvolvimento. Milhões de pessoas seguem vivendo muito abaixo dos níveis mínimos necessários para uma existência humana digna, privada de alimentação e vestuário, de habitação e educação, de condições de saúde e de higiene adequadas. Assim, os países em desenvolvimento devem dirigir seus esforços para o desenvolvimento, tendo presente suas prioridades e a necessidade de salvaguardar e melhorar o meio ambiente. Com o mesmo fim, os países industrializados devem esforçar-se para reduzir a distância que os separa dos países em desenvolvimento. Nos países industrializados, os problemas ambientais estão geralmente relacionados com a industrialização e o desenvolvimento tecnológico. (DECLARAÇÃO DE ESTOCOLMO SOBRE O MEIO AMBIENTE HUMANO, 1972, p. 01)

No ano de 1977, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) promoveu a mais importante de todas as reuniões intergovernamentais sobre a Educação Ambiental, que aconteceu em Tbilisi, na Geórgia, antiga União Soviética. Segundo Pedrini (1998), essa conferência

revolucionou a Educação Ambiental, pois marcou o começo de um processo no qual as condições foram dadas para que os indivíduos tomassem consciência sobre o valor da natureza, instigando sua participação na solução de problemas ambientais do seu dia a dia. Esta ação na área educacional propõe que seja realizada através da educação formal ou não formal e direcionada a todas as idades.

Destacamos ainda o evento do Rio 92 e o Rio+20 por terem deixado um legado para o desenvolvimento do nosso país e para as futuras gerações. Nesses eventos, observamos que as artes visuais estiveram presentes nas exposições dos trabalhos e nas discussões entre os países, bem como nas escolas, o que contribuiu para uma mudança de comportamento da nossa sociedade.

O valor ético-político tem sido o conselheiro de um projeto de sociedade ambientalmente sustentável, em que temos nos aventurado a edificar uma relação simétrica entre os proveitos das sociedades e a preservação da natureza (GADOTTI, 2001).

Jacobi (2005) afirma que os docentes devem estar mais qualificados para reelaborar as informações e propiciar novas atitudes de comportamento numa perspectiva crítica para transformar e articular os processos cognitivos com os contextos da vida. Gadotti (2001) descreve a pedagogia da terra e a educação sustentável como metodologias para atingirmos esta prática.

Com as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para o Ensino Fundamental (BRASIL, 2013b) foi determinado que o conceito de qualidade na escola remete a uma ideia na qualidade de vida da sociedade, incluindo a qualidade pedagógica. Nesse documento a Educação Ambiental foi definida como:

- Visa à construção de conhecimentos, ao desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores sociais, ao cuidado com a comunidade de vida, a justiça e a equidade socioambiental, e com a proteção do meio ambiente natural e construído;
- Não é atividade neutra, pois envolve valores, interesses, visões de mundo; desse modo, deve assumir, na prática educativa, de forma articulada e interdependente, as suas dimensões política e pedagógica;
- Deve adotar uma abordagem que considere a interface entre a natureza, a sociocultura, a produção, o trabalho, o consumo,

superando a visão despolitizada, acrítica, ingênua e naturalista ainda muito presente na prática pedagógica das instituições de ensino;

– Deve ser integradora, em suas múltiplas e complexas relações, como um processo contínuo de aprendizagem das questões referentes ao espaço de interações multidimensionais, seja biológica, física, social, econômica, política e cultural. Ela propicia mudança de visão e de comportamento mediante conhecimentos, valores e habilidades que são necessários para a sustentabilidade, protegendo o meio ambiente para as gerações presentes e futuras (BRASIL, 2013b, p. 543).

Assim sendo, a Educação Ambiental foi tratada nesta dissertação como um processo em construção, não havendo definição consensual. Assumimos a posição de Gadotti (2001), entendendo a Educação Ambiental como um processo em construção que busca compreender e resignificar a relação dos seres humanos com a natureza. A seguir será tratado sobre a Interdisciplinaridade da Educação Ambiental nas Artes Visuais.

### **1.3 A TRAJETÓRIA DAS ARTES VISUAIS**

Descreve-se aqui um pequeno relato para mostrar que a arte esteve presente na educação especial.

Na sociedade romana, os surdos eram considerados imperfeitos para uma sociedade onde se cultivava a beleza física e intelectual. A literatura relata, no entanto que, o fator econômico de algumas famílias fazia com que alguns tivessem privilégios como *Quintus Peduis*, artista surdo, filho de consul romano, que obteve a autorização de César Augusto para desempenhar sua profissão de pintor (MARIANI, 2014, p.16).

A história da arte-educação no Brasil foi intensificada a partir de 1808, quando D. João VI chega ao Brasil, possibilitando a vinda da Missão Francesa, que teve como líder Lebreton e dela faziam parte artistas como Debret, Taunay e Grandjean de Montigny. Fundadores da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, através do decreto de 12 de agosto de 1816. Em 1826 a Escola passa a funcionar com o nome de Academia Imperial de Belas Artes e, após a Proclamação da República, a Escola recebe o nome de Escola Nacional de Belas Artes. O ensino de artes tinha como base a cópia, por ser esta a formação dos docentes que nela lecionavam (BARBOSA, 2009).

[...] é-nos possível observar que um grupo de jovens artistas inquietos e movidos pela exaltação do Brasil diante do futuro começa a se formar, após a exposição de Anita Malfatti, em 1917/18, eclodindo na Manifestação da Semana de Arte Moderna, em 1922. O objetivo do grupo era a quebra de todos os cânones que, até então, legitimavam entre nós a criação artística [...] (FARIAS, 2001, p. 34).

A Semana de 1922 foi responsável pela introdução do Modernismo na Arte Brasileira, o que não aconteceu rapidamente, e, em 1927, começou a se perceber estas modificações.

No ano de 1930 chega ao Brasil o movimento chamado Escola Nova ou Pedagogia Nova. Entre os anos de 1950 e 1960 ela começou a espalhar-se. Tal movimento valorizou a expressão intelectual e afetiva do indivíduo, repudiando a cópia de modelos (FUSARI; FERRAZ, 2001).

Escola Nova surge no final do século XIX justamente para propor novos caminhos à educação, que se encontra em descompasso com o mundo no qual se acha inserida. Representa o esforço de superação da pedagogia da essência pela pedagogia da existência. Não se trata mais de submeter o homem a valores e dogmas tradicionais e eternos nem de educá-lo para a realização de sua 'essência verdadeira'. A pedagogia da existência volta-se para a problemática do indivíduo único, diferenciado, que vive e interage em um mundo dinâmico. (ARANHA, 1996, p. 167).

Segundo Barbosa (2002) a Escola Nova era favorável que a arte fizesse parte do currículo, defendendo a ideia da arte na escola para todos, como meio capaz de desenvolver a capacidade criadora em sintonia com o pensamento e a inteligência. O que divergia do pensamento dos liberais que defendiam o desenho técnico, pensando, assim, no mercado de trabalho.

Com a intenção de fazer com que as crianças se manifestassem com liberdade, sem a influência de um adulto, surgem a partir de 1947 ateliers de artes espalhados pelo Brasil.

Em 1948 foi criada no Rio De Janeiro a Escolinha de Arte do Brasil, que funcionava em uma biblioteca infantil. Augusto Rodrigues<sup>1</sup>, contou com a artista

---

<sup>1</sup> Augusto Rodrigues, poeta e artista plástico (1913-1993). Chegou ao Rio de Janeiro em 1935 e em 1948 fundou a Escolinha de Arte do Brasil (EAB), na Biblioteca Castro Alves. A escolinha era frequentada por crianças deficientes por ser um espaço onde as diferenças eram respeitadas.

norte-americana Margaret Spencer e a docente de Arte Lúcia Valentim, para a criação da Escolinha. Tal iniciativa foi baseada na admiração que sentiu ao conhecer o trabalho de Lula Cardoso Ayres, pernambucano como ele (BARBOSA, 2002; AZEVEDO, 2002).

A Escolinha de Arte passa então a ministrar cursos para formação de docentes, multiplicando assim conhecimentos. Os ex-discentes desta escola espalharam escolinhas de arte pelo país, chegando ao total de trinta e duas. Estes estabelecimentos procuraram difundir a ideia da necessidade que a criança de expressar-se livremente usando diferentes materiais de artes (BARBOSA, 2003).

Em 1972 a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Lei 5.692/71, incluiu a Educação Artística no currículo escolar, como “Atividade Educativa” e não como disciplina. Tivemos consequências deste ato, pois havia uma desvalorização por parte dos colegas docentes quanto à nossa atuação como docentes de artes. A nossa atividade seria menos importante que o Português e a Matemática?

Esta é uma impressão pessoal que os atores da escola, discentes e docentes de outras áreas muitas vezes discriminam a disciplina Arte, por se tratar de um objeto de conhecimento que expressam as representações imaginárias, na qual o valor numérico final de uma avaliação não é o objetivo maior, mas sim o produto final. Nesse sentido, é fundamental que o processo desenvolvido pelo discente seja levado em conta de uma forma bastante relevante.

Nos encontros bimestrais dos docentes, conhecidos por Conselho de Classe, em que os discentes são analisados em todas as disciplinas é comum percebermos que, muitas vezes, não estamos falando do mesmo discente, por apresentarem comportamento diferenciado e interesse maior na disciplina de artes.

Quando surgiu a obrigatoriedade das aulas de Educação Artística, não houve preocupação com a formação de profissionais para assumir os cargos de docentes, tendo em vista que tal função era ocupada por profissionais que possuíam habilidades em certas áreas artísticas, discentes oriundos da Escola de Belas Artes que tinham habilitação em desenho e plástica, ou docentes que possuíam habilidades artísticas.

Em 1973 surgem os Cursos de Educação Artística, Licenciatura Curta, com dois anos de duração, criados para cobrir a falta de docentes, capacitados para exercer os cargos. Estes docentes poderiam estender a licenciatura para modalidade plena e, assim, escolher uma das habilitações: artes plásticas, desenho, artes cênicas ou música (COUTINHO, 2002; BARBOSA; COUTINHO, 2011).

Os cursos citados não supriam a necessidade de profissionais para atuar como docentes de Educação Artística, por terem sido criados apenas para cobrir o espaço aberto pela LDB/1971, muitas vezes formando profissionais sem preparo para exercer a função. Os docentes eram polivalentes, embora não recebessem formação em todas as áreas ou habilitações (BRASIL, 1997).

Ao final da década de 70 o movimento da Arte Educação está preocupado com a educação escolar, na contramão da Educação Artística que se preocupava somente com a expressividade individual, tecnicista, o que mostra que os docentes nesse período não aprofundavam seus conhecimentos sobre Arte (FARIAS, 2001, p 13).

O Ensino da Arte nas escolas, antes chamada de Educação Artística, volta a ser citado como obrigatório do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de dezembro de 1996. Cito na íntegra o art. 26, § 2º: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos discentes” (BRASIL, 1996).

Embora a LDB de 1996 fosse clara sobre a obrigatoriedade, algumas escolas adotaram a conduta de incluir esta disciplina em apenas um dos anos, alegando a falta de perceptibilidade da lei, ao se tratar do ensino médio. Baseando-se na interdisciplinaridade, era dado ao docente de Literatura o papel de docente de Artes, fazendo com que a linguagem visual ficasse esquecida. Tanto a obrigatoriedade quanto a falta do reconhecimento e da importância, não garantem que a relação ensino aprendizagem ocorra se não houver a experiência do prazer da Arte (BARBOSA, 2002).

O Brasil, acompanhando as discussões internacionais, publicou os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (BRASIL, 1997) onde vêm ressaltar a importância do ensino de Arte nas escolas, valorizando a pluralidade cultural e

que o profissional que trabalha na área deve ser um “agente transformador e perceber-se integrante no ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do mesmo” (BRASIL,1997, p.07).

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o discente desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (BRASIL, 1997, p.19).

Os PCNs de Arte (BRASIL,1997) ressaltam a importância do discente se desenvolver ao longo da sua vida escolar nas diferentes linguagens artísticas: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Embora não mencionem a obrigatoriedade da disciplina, funcionam como base para a preparação de planos e projetos nos estabelecimentos de ensino.

A Federação de Arte/Educadores do Brasil (FAEB), fundada em 1987, conduziu ao Conselho Nacional de Educação o parecer CNE/CEB Nº: 22/2005 (BRASIL; 2005) – votado como favorável em 04/10/2005 – que solicitava a permuta do termo Educação Artística por Arte, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.

A Arte é uma disciplina onde a emoção e os sentimentos participam de forma ativa e que, muitas vezes, se tornam o foco mais intenso da sua atuação, tanto do docente quanto do discente, ao produzir seus trabalhos artísticos. Não podemos esquecer que é no espaço destinado às aulas de Artes que as habilidades artísticas tendem a aflorar com mais intensidade, ao encontrar a oportunidade de serem expressas.

Esses conceitos sugerem que os docentes sejam comprometidos e é no jogo de descobrir, inventar e reinventar que o discente amplia as possibilidades de criação e, assim, ele pode ter uma nova maneira de perceber o seu fazer artístico.

Viktor Lowenfeld, em 1922, contribuiu com a arte na Educação Especial, ao trabalhar no Instituto de cegos de Viena, Áustria. Contrariando as ideias da época, que acreditava que os cegos não eram capazes de se imaginar e se

expressar esteticamente. Ele acreditou na criatividade dos seus discentes (AZEVEDO, 2002).

A Arte-educação Especial no Brasil teve como principais colaboradoras as educadoras Helena Antipoff e Noemia de Araujo Varela.

Helena Antipoff, nascida na Rússia, formou-se em Medicina na França e era educadora. Seu interesse em aprender a respeito do desenvolvimento e da cognição infantil fez com que aceitasse o convite para estudar em Genebra, tornando-se assistente de Claparede, neurologista, psiquiatra e psicólogo, na Universidade de Geneve na Suíça onde lecionava Psicologia (AZEVEDO, 2002).

No ano de 1929, Helena Antipoff<sup>2</sup> chega ao Brasil, em Minas Gerais, para integrar-se ao Movimento da Escola Nova que visava reorganizar a Educação. Após a sua instalação no Brasil, contribuiu para a criação de diversos campos da Educação Nacional Brasileira, entre eles a Criação da Sociedade Pestalozzi em Minas Gerais (1932) e a Sociedade Pestalozzi do Brasil no Rio de Janeiro (1945). Foi responsável também pela criação do primeiro curso de Psicologia, universitário - Psicopedagógico (AZEVEDO, 2002).

Em 1949, chega ao Rio de Janeiro a docente Noemia de Araújo Varela, recém-formada em Pedagogia, para participar do primeiro Congresso Nacional da Sociedade Pestalozzi, ocasião em que conhece a Escolinha de Arte do Brasil. Tal encontro modifica a sua trajetória profissional e suas ideias, agora inspiradas na Arte- educação. Quando retornou para a sua cidade, Recife, fundou na Escola de Educação Especial Ulisses Pernambucano um ateliê de Arte para atender às crianças deficientes, ditas, na época, crianças especiais (AZEVEDO, 2002).

A seguir será explanado sobre a história do INES no cenário das políticas públicas da Educação Inclusiva. Ao descrever a história INES, estamos lembrando um capítulo da educação de surdos no Brasil.

## **1.4 O INES E O SURDO NO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Durante o Século XIX a Europa abrigava diversos Institutos para educar discentes surdos, entre eles o Instituto Nacional de Paris. E. Huet, antes discente

---

<sup>2</sup> Helena Antipoff nasceu em 1892 e faleceu em 1974. Foi uma psicóloga e pedagoga de origem russa que, depois de obter formação universitária na Rússia, Paris e Genebra, se fixou no Brasil a partir de 1929, a convite do governo do estado de Minas Gerais (CAMPOS, 2003).

dessa escola e depois docente, saiu em direção ao Brasil, dando assim início a história da educação de surdos no nosso país (CARVALHO, 2013).

Em 15 de novembro de 1827, cinco anos após o Brasil se tornar independente, foi promulgada a primeira e única Lei geral que falava a respeito da Instrução Primária no Brasil, que diz em seu artigo 1º: “em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos haverá escolas de primeiras letras que forem necessárias”. O fato de que havia diferenças econômicas entre as regiões, geraram a grande diferença entre elas. D. Pedro II, a fim de suprir esta carência de escolas e profissionais que existia no país, criou a primeira escola de formação de docentes com o Ato nº 10 de 1º de abril de 1835: atualmente, o Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC), localizado em Niterói.

No final de 1855, E. Huet chegou no Rio de Janeiro, tendo como ideia a criação de uma escola para discentes surdos. Logo foi apresentado ao Marquês de Abrantes, que o conduziu a reunir-se com o Imperador D. Pedro II, que se mostrou disponível em ajudá-lo. Huet foi apresentado ao Dr. Manoel Pacheco da Silva, reitor do Colégio Imperial Colégio Pedro II, responsável por auxiliar a organizar a escola (ROCHA,2007).

Huet propôs no documento que entregou ao imperador, por ocasião de sua apresentação a ele, que o governo colaborasse na construção do colégio, pois a maior parte dos discentes surdos viria de famílias de baixa renda, sem condições financeiras. O relatório tinha duas propostas: um colégio particular onde os discentes poderiam receber bolsas de estudo com a ajuda do império ou a criação de uma escola pública onde o império arcaria com todas as despesas. Em 1º de janeiro de 1856 a primeira escola para surdos começa a funcionar nas dependências do Colégio de Vassimon, como escola privada, com duas alunas de doze e dez anos, que eram mantidas financeiramente pelo império brasileiro (BRASIL, 2013a).

Segundo Ribeiro (1942), as famílias dos discentes surdos demoraram a aceitar e entregar seus filhos a Huet, por se tratar de um estrangeiro desconhecido.

O programa de ensino oferecido por Huet e divulgado em janeiro de 1856 mencionava as seguintes disciplinas: Língua Portuguesa, Aritmética, Geografia, História do Brasil, Escrituração Mercantil, Linguagem Articulada, Doutrina Cristã

e Leitura sobre os lábios, esta última ofertada para quem possuísse habilidade (ROCHA, 1997; 2007). Podemos observar na figura 1, o primeiro documento oficial do INES.

Huet solicitou auxílio e melhores condições para que a escola continuasse funcionando. A Lei 939, de 26 de setembro de 1857, atendeu algumas das solicitações feitas por Huet, cerca de um ano e meio depois. Nessa lei, o Império concede ao Instituto dos Surdos-Mudos uma subvenção assim como uma pensão para os discentes pobres. Nessa data passou a ser comemorada a fundação do INES (ROCHA, 2007). Em outubro de 1857, a escola mudou seu endereço para uma casa maior, no Morro do Livramento.



**Figura 1** - Primeiro documento oficial do INES.

Fonte: Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/uploads/institucional/Doc-INES-01.jpg>>.

Huet decide ir embora, em dezembro de 1861, e solicita uma indenização e uma pensão mensal por ter fundado a primeira escola de Surdos neste país. Frei João do Monte do Carmo assumiu a direção da instituição enquanto esperavam um docente, que frequentou o Instituto de Surdos da França, e estava a caminho. Frei João não resistiu aos problemas que ocorreram na instituição e foi logo substituído por Ernesto do Prado Seixas, indicado pela direção do Instituto de Cegos (SOARES, 2005; ROCHA, 2007).

Em 1º de agosto de 1862, tomou posse no Instituto dos Surdos Mudos o docente Dr. Manoel de Magalhães Couto. No ano de 1868, esse diretor foi exonerado depois de um relatório do chefe da seção da Secretaria de Estado, Dr. Tobias Rabello Leite, onde foi constatado que não havia ensino e que o Instituto funcionava como um asilo para os discentes surdos. Dr. Tobias assumiu a direção do Instituto até o ano de 1872, sendo nomeado efetivo até o ano do seu falecimento, em 1896 (MOURA, 2000).

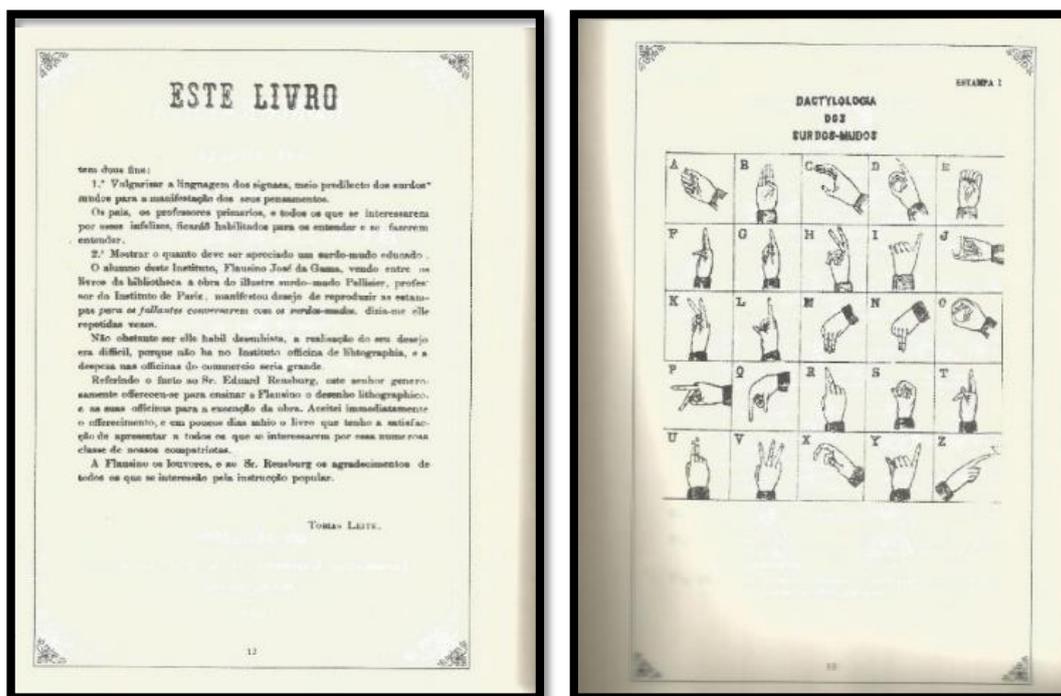
A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é de grande influência francesa e foi divulgada pelo Brasil durante a gestão do Dr. Tobias Leite. No ano de 1875 a publicação “Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos”, ilustrada pelo ex-discente Flausino José da Gama, surdo congênito, nos mostra outra forma da divulgação da língua de sinais. Na apresentação do livro, Dr. Tobias descreve como uma de suas finalidades “Vulgarizar a Linguagem dos Sinais, meio predileto dos surdos-mudos para manifestação dos seus sentimentos” (ROCHA, 2009).

[...] A comunicação gestual, hoje reconhecida como LIBRAS, Língua Brasileira de Sinais, de forte influência francesa em função da nacionalidade do fundador do instituto, foi espalhada por todo Brasil pelos discentes que regressavam aos seus Estados quando do término do curso (ROCHA, 2007, p. 77).

A ideia do dicionário partiu de Flausino ao achar um exemplar semelhante realizado por um docente do Instituto de Paris. O ex-discente ingressou na instituição em 1869 e desempenhou a função de repetidor, de 1871 a 1878. Seus papéis dentro da escola eram: assistir para depois repetir aos discentes, acompanhar os discentes na hora do recreio, recepcionar os visitantes, dormir

com os discentes internos, retificar os exercícios e suprir a falta de docentes (INES, 2011).

Podemos perceber que se tratava de um ex-discente com habilidade para o desenho. A arte esteve presente nas primeiras publicações para a divulgação de uma língua de sinais como observamos nas figuras 2 (A) e (B).



**Figura 2** (A) e (B) - Iconographia dos signaes dos surdos-mudos. (Flausino José da Gama, 1875.)

Fonte: INES (2011, p. 12-13).

Aconteceu em Milão, na Itália, de 6 a 11 de setembro de 1880, o congresso onde se reuniram enviados de todos os institutos de surdos da Europa e das Américas. Ao finalizar o congresso, um discurso foi lido onde o relator dizia sentir-se confiante de que todos os presentes voltariam aos países de origem e adotariam o “Sistema Oral Puro”. Vale ressaltar que por muitos anos esta ação foi interpretada aqui no Brasil como proibição da Língua de Sinais, o que não é verdade, apenas o método oral foi escolhido como a melhor forma de educar o surdo.

Segundo Rocha (2010), o reverendo Thomas Gallaudet, que na época presidia o Collegio Surdo-Mudo de Washington, nos Estados Unidos, foi favorável à conservação dos sinais como forma de comunicação adequada ao sujeito surdo.

O decreto nº 9.198, do ano de 1911, em seu artigo nº 9, determina que as matérias sejam lecionadas através do método oral puro. Este decreto cria também a seção feminina, o que levou a concretização da obra, pois as instalações não eram adequadas para recebê-las (ROCHA, 2008; ROCHA, 1997).

Em 1913, o prédio que ainda hoje funciona o INES começou a ser construído. O projeto foi do Arquiteto Francês Gustav Lully. A obra foi finalizada no final de 1914 e sua inauguração aconteceu em 1915, quando começou a funcionar, ainda sem o funcionamento da ala feminina. Somente na década de 30 as meninas retornam ao Instituto para estudar em sistema de externato (ROCHA, 1997). Nas figuras 3, 4 e 5, podemos observar o prédio ao longo dos anos.

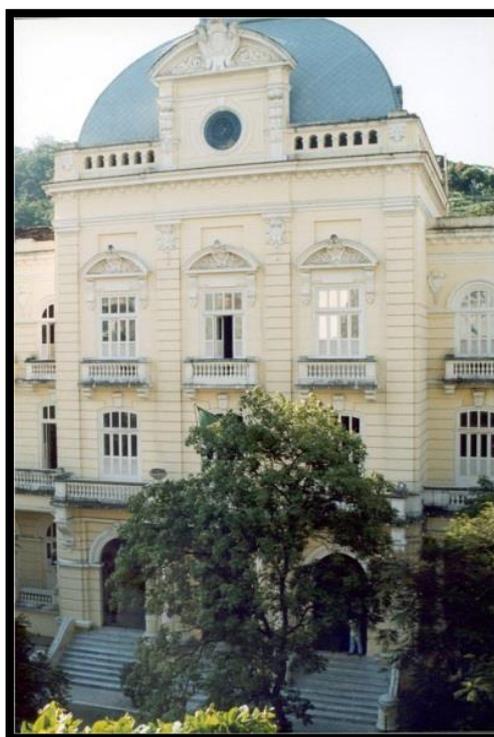


**Figura 3** - Foto do INES no ano de 1915.

Fonte: Disponível em: <<http://riodejaneirodehontem.blogspot.com.br/2015/09/instituto-de-surdos-mudos-no-bairrodas.htm>>.



**Figura 4** - Foto do INES no ano de 1926.  
Fonte: Rocha (2008, p. 58).



**Figura 5** - Foto atual do INES no ano de 2007.  
Fonte: Arquivo pessoal. Créditos: Angelice Barcellos.

No ano de 1914, o Diretor Custódio Martins chamou a atenção para a idade com que os discentes entravam no Instituto. Ele achava tardia para que

desenvolvessem a linguagem oral. Mas o problema só foi solucionado, com o Decreto nº 19.606, de 19 de janeiro de 1931, que determina a idade de sete anos como a mínima para começar a estudar no Instituto (MOURA, 2000).

Visando um ensino profissionalizante, em 1930 tem início o funcionamento das oficinas do ensino profissionalizante do Instituto, que disponibilizava aos discentes que delas participavam uma retirada em dinheiro ao finalizar o curso. Muitos discentes continuaram na profissão, tendo em vista que terminavam dominando um dos ofícios. Eram as seguintes oficinas: madeira, couro (sapataria) e encadernação, para os discentes homens, e costura e bordado para as discentes do sexo feminino (ROCHA, 2010).

Nas décadas iniciais do século XX, o Instituto oferecia, além da instrução literária, o ensino profissionalizante. A terminalidade dos estudos estava condicionada à aprendizagem de um ofício. Os discentes frequentavam, de acordo com suas aptidões, oficinas de sapataria, alfaiataria, gráfica, marcenaria e também artes plásticas e bordado (ROCHA, 2007, p. 76-77).

Vamos correr um pouco no tempo e falar sobre a gestão da Diretora Ana Rimoli de Faria Dória (1951 a 1961), quando aconteceu a fundação do setor onde trabalho, a Escolinha de Arte do INES. Ela foi a primeira mulher a ocupar este cargo na Instituição.

Foram muitos os endereços e nomes do INES no decorrer de sua história. Um dos fatos mais expressivos aconteceu em 1957, quando a palavra Mudos foi retirada e a palavra Educação foi acrescentada, assim o Instituto passa a ter o nome que mantém até hoje, como podemos acompanhar no quadro abaixo.

**Quadro 2** - Lista de nomes e endereços do INES ao longo dos anos.

<b>Data/Período</b>	<b>Nome</b>	<b>Endereço</b>
<b>1856-1857</b>	Collégio Nacional para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos	Rua dos Beneditinos nº 8
<b>1857-1858</b>	Instituto Imperial para Surdos-mudos de Ambos os sexos	Morro do Livramento – Entrada pela rua de São Lourenço
<b>1858-1865</b>	Imperial Instituto para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos	Morro do Livramento – Entrada pela rua de São Lourenço
<b>1865-1866</b>	Imperial Instituto dos Surdos-Mudos de Ambos os Sexos	Palacete do campo da Aclamação nº 49
<b>1866-1871</b>	Imperial Instituto dos Surdos-Mudos de Ambos os Sexos	Chácara das Laranjeiras nº 95

<b>1871-1874</b>	Imperial Instituto dos Surdos-Mudos de Ambos os Sexos	Rua Real Grandeza nº4 Esquina com Voluntários da Pátria
<b>1874-1877</b>	Instituto dos Surdos-Mudos	Rua Real Grandeza nº4 Esquina com Voluntários da Pátria
<b>1877-1890</b>	Instituto dos Surdos-Mudos	Rua das Laranjeiras nº 60
<b>1890-1957</b>	Instituto dos Surdos-Mudos	Rua das Laranjeiras nº 82/232 (Mudança de numeração)
<b>1957- atual</b>	Instituto Nacional de Educação de Surdos	Rua das Laranjeiras nº 232

Fonte: Rocha (2008).

O INES atualmente é reconhecido, na estrutura do Ministério da Educação (MEC), como centro de referência nacional na área da surdez e atende, atualmente, aproximadamente 500 discentes. O Ensino Básico oferecido no Colégio de Aplicação (CAp/INES), atende discentes da Educação Precoce (de recém-nascidos a três anos), Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em três turnos, manhã, tarde e noite.

A Portaria Ministerial 2.830, de 17 de agosto de 2005, publicada no DOU de 18 de agosto de 2005, autorizou o funcionamento de um *Curso Normal Superior*, licenciatura, habilitações em Magistério para Educação Infantil e em Magistério para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a ser ministrado pelo INES, no âmbito do Instituto Superior de Educação, sua unidade acadêmica específica. Essa Portaria aprovou Regimento e PDI do INES (este por 5 anos). Nessa mesma data, o Ministro de Estado da Educação, Docente Fernando Haddad, visitou o INES e inaugurou o edifício destinado à Educação Superior (INES, 2015, n.p.).

No de 2005 foi inaugurado um prédio, dentro do Instituto, para o funcionamento do departamento de ensino superior. Atualmente, são ministradas aulas nos níveis de graduação e pós-graduação do Curso de Pedagogia Bilíngue, para discentes surdos e ouvintes. Experiência pioneira no Brasil e em toda América Latina.

#### **1.4.1 A Escolinha de Arte do INES**

Ao relatar esta pequena história me lembro da docente que me acolheu com carinho, em 1991, quando cheguei ao INES. Através da sua monografia “Arte-Educação e o Deficiente Auditivo” (MAGALHÃES, 1988), a amiga Annabella de Araújo Magalhães, que chegou ao INES em 1985, descreveu a

história do setor onde trabalhei durante esses anos. Só agora ao escrever sobre este assunto, paro e vejo quantas modificações aconteceram ao longo desta trajetória.

As fotos tiradas no decorrer destes anos trazem recordações, como o fato do Instituto no início possuir internato e os discentes eram identificados através dos uniformes diferentes que usavam, o número da matrícula substituía o nome dos discentes. Abaixo, as figuras 6 (A) e (B) nos contam um pouco desta história.



**Figura 6** (A) e (B) - Produções artísticas de meus discentes de 1991.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Para contar a história da Escolinha de Arte do INES precisamos falar sobre o curso de formação de docentes para surdos, que tinha como propósito a formação de profissionais na área da Pedagogia, especializados em surdez, criado em 1951, sendo o primeiro específico no Brasil e o terceiro da América do Sul (MAGALHÃES, 1988).

Segundo Rocha (2010), tal curso apresentava em seu currículo as disciplinas comuns aos do Curso Normal do Instituto de Educação da cidade do Rio de Janeiro, com a duração de três anos e mais um ano onde eram lecionadas disciplinas específicas para a educação de Surdos.

Em 1957, o curso passa a se chamar Curso de Especialização de Docentes para Surdos e, em 1988, Curso de Especialização de Docentes para Deficientes da Audição. Esse curso, atendendo a docentes formados e com experiência, de todos os Estados do Brasil, ajudou a difundir, assim, o ensino realizado no INES (MAGALHÃES, 1988).

Na década de 1990, recebi em minha sala de aula estagiárias de diferentes lugares do Brasil, acontecendo, assim, a troca de experiências e conhecimento. Esses profissionais residiam no Rio de Janeiro durante o período do curso, que era de aproximadamente 10 meses. O curso funcionou até o ano de 2003. Em 2006, foi criado o Instituto Superior Bilíngue de Educação no INES.

A Arte esteve presente no currículo deste curso de especialização. As disciplinas faziam parte da área chamada 'A Arte e o Surdo' e fizeram parte dela artistas como: Nancy Teixeira Godoy (Escultora), que lecionava Artes Aplicadas, Prof. Manoel José de Mattos (Pintor), que lecionava Arte e Educação, Maria Celeste Monnerat, docente de Trabalhos Manuais, e Elza Alvarenga Tizzio, docente de Música (MAGALHÃES, 1988).

O Curso de Artes Plásticas foi criado em 1953, pela docente Nancy Godoy, com a colaboração do Dr. Mario Maranhão. O curso foi estruturado com base na Escola de Belas Artes e tinha como finalidade a estimulação e a orientação dos discentes surdos que apresentavam talentos artísticos. Junto com ele foi fundado o Museu Artístico Pedagógico (ROCHA, 2008).

Os discentes participantes do curso eram escolhidos através de observação e tinham a faixa etária entre 14 e 18 anos. Eram ministradas aulas de modelagem, pintura, desenho, escultura e arte decorativa, entre outras atividades ligadas à Arte. Os docentes deste curso eram artistas premiados, tais como, Nancy Godoy, Bustamante Sá, Lydio Bandeira de Mello, Manoel José de Matos, Elza Dias, Mário Toledo, Leary Paes Brasil, Maria Celeste Sarmiento Monnerat, entre outros (MAGALHÃES, 1988).

A Escolinha de Arte do INES foi criada em 1958 e o empenho dos docentes pela seriedade da educação do Surdo e pela Arte-Educação levou alguns docentes da Escolinha de Arte do INES à Escolinha de Arte do Brasil. Começava assim o trabalho de Educação através da Arte na Instituição. Hoje a Escolinha de Arte é chamada de Núcleo de Arte.

Podemos perceber o trabalho de artistas famosos dentro da Escolinha de Arte do INES, como Bustamante Sá, importante e premiado artista plástico, que declarou à docente Annabella Magalhães, que apenas a técnica era transmitida e havia aceitação da livre criação do discente. Este trabalho foi reconhecido na

Bélgica, México, Estados Unidos, Inglaterra e Chile, trazendo os profissionais destes países ao INES.

Os discentes de 7 a 11 anos eram orientados a frequentar as aulas de Desenho com o docente Bandeira de Mello ou encaminhados para as oficinas do curso profissionalizante.

A Escolinha recebeu também uma importante artista plástica: Lygia Clark, que através de livros de Arte, procurava despertar a curiosidade dos discentes. A partir das imagens de obras famosas os discentes recriavam os temas propostos. A artista tentou, mas não conseguiu fazer uma exposição dos trabalhos e, assim, percorrer o mundo, por achar os mesmos expressivos e interessantes. Segundo Silva (2011, p 13), “por ser uma docente/artista Lygia tinha como característica viver a arte para produzi-la, o que a tornava uma pesquisadora em permanente estado de curiosidade e de reflexão”.

#### **1.4.2 O surdo, a LIBRAS e sua inclusão**

No ano de 1994, 88 países e 25 organizações internacionais se reuniram em Salamanca na Espanha, para a realização da Conferência Mundial a fim de discutir e reafirmar o compromisso da Educação para todos e com todos (BRASIL, 1994). A proposta para uma Educação Inclusiva foi discutida, acatada e nela se previa uma base de apoio para qualificar docentes e discentes, um trabalho cooperativo, pois necessitava de diferentes áreas de conhecimento, a fim atender uma demanda diversificada (STAINBACK; STAINBACK, 1999).

Em 1996 houve uma mudança na Lei de diretrizes e Bases, que no seu artigo 3º prevê: “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber” (BRASIL, 1996).

A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, garante que o ensino deve ser universal, sem exclusão de raça, credo ou por ser uma pessoa com deficiências, ou altas habilidades. No entanto, na prática observamos que só leis, decretos, resoluções e pareceres não mudam o cenário nacional da exclusão social e sim os atores envolvidos no processo. Para isto acontecer de fato, precisamos dar ênfase nas práticas exitosas dos docentes que repensam o seu currículo onde possamos enfrentar os problemas gerados

pelo aumento da violência e da deterioração da qualidade de vida dos cidadãos na cidade ou no campo.

O paradigma da educação inclusiva passou a visar uma ação de todos na valorização das singularidades linguísticas, em uma sociedade na qual a diversidade é um estímulo e não um problema. O grande desafio na inclusão de todos os discentes no sistema regular de ensino, seja no preparo para o exercício da cidadania e ou na sua qualificação para o trabalho, prevê práticas pedagógicas que devem garantir acessibilidade total ao conhecimento necessário para qualquer área.

Dentro deste contexto, durante muitos anos, as pessoas com diferentes graus de surdez apresentaram o seu acesso comprometido e limitado aos conteúdos mínimos do currículo escolar nas diferentes áreas de ensino, visto que sua educação era realizada muitas vezes na língua portuguesa, utilizando-se os intérpretes como mediadores para interpretar na língua de sinais (BRASIL, 2002).

A lei 10.436, de 2002, regulamentada pelo decreto 5.626, de 2005, reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), logo após uma mobilização dos surdos, em reivindicar escolas bilíngues. Criou-se um cenário de disputa entre as duas línguas, Português e LIBRAS, desnecessário, visto que as duas vivem juntas.

Podemos relatar que temos participado da história dessa instituição (INES), desde a comunicação oral, passamos pela comunicação total e agora a escola bilíngue.

A Língua de Sinais é a primeira língua da comunidade surda, enquanto a Língua Portuguesa é a segunda língua, o que dificulta a aprendizagem pela ausência de docentes capacitados, intérpretes insuficientes e, de forma agravante, a ausência de sinais para os termos da disciplina de Artes Visuais (Ex.: o conceito de surrealismo, neoclássicismo). Essa ausência de termos priva não só o discente surdo do acesso à informação, mas também compromete sua competitividade para ascender na sociedade, privando-o também ao direito a uma cidadania plena.

Tendo em vista a exigência cada vez maior da formação para a melhoria sócioeconômica dos indivíduos e para a própria construção de um cidadão pleno,

os discentes surdos necessitam ter o acesso garantido a todo o conhecimento oferecido nas instituições de ensino, para que possam competir e ascender a uma vida de melhor qualidade. Por isso se faz necessário o entendimento da importância da sustentabilidade social, da Educação Ambiental e do acesso à informação na *web* que está disponível para o surdo (MARIANI, 2014).

## 1.5 REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM

No decorrer de nossa história o homem sempre procurou se organizar em grupos. Com o surgimento da Internet e das redes sociais *online*, estes grupos passaram a se organizar em comunidades, onde os interesses comuns são os elos desta organização.

A rede social *Facebook* foi criada no ano de 2004, na Universidade de Harvard por Mark Zuckeberg e três amigos. A proposta inicial se resumia a atender somente aos estudantes da universidade, para que trocassem opiniões, imagens e textos.

O acesso a esta rede foi estendido aos discentes do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, à Universidade de Boston, ao Boston College, Stanford, Columbia e Yale, que recebia o nome de *The Facebook.com*. A partir de 2005, passaram a participar do site mais de 5 milhões de internautas. A mudança do nome aconteceu em agosto no mesmo ano, quando o site passa a se chamar *Facebook*, e em dezembro do ano seguinte passou a ser aberta ao público (FERNANDES,2011).

O *Facebook* oferece recursos para auxiliar no processo de interação entre os seus usuários, como *chat, blog, feed, timeline* e outros. Possibilita a formação de grupos nos quais um assunto comum promove a participação dos interessados. Essas ferramentas facilitam a comunicação, o compartilhamento de conhecimentos, assim como permite gerenciar o controle de quem pode se apropriar deste conhecimento e ou executar determinadas ações.

[...] uma estrutura social constituída por nós (no qual geralmente são pessoas, organizações e até conceitos) que são vinculadas por um ou mais tipos específicos de relações, como valores, visões, ideias, amigos, gostos, tipo sexual, entre outras características que agrupam os indivíduos por afinidades. As redes sociais encaram os relacionamentos sociais em termos de nós e laços. Os nós são os indivíduos de dentro das redes, e os

laços são os relacionamentos entre os indivíduos. Pode haver vários tipos de laços entre os nós (KISO, s/d, p. 31).

Criou-se uma página no *Facebook*, na qual foi feita a divulgação dos *links* das aulas e o armazenamento de fotografias dos trabalhos de discentes surdos, tiradas na sala de aula de artes.

As videoaulas foram armazenadas em uma conta no *YouTube* e sua divulgação realizada através do *Facebook*, de modo que houvesse interatividade por parte do público em geral, principalmente da Comunidade Surda, opinando e sugerindo sobre o trabalho.

Todos os recursos tecnológicos utilizados receberam o mesmo nome CriarteLIBRAS, assim como a logomarca, para facilitar a visualização pelos surdos. A logomarca foi criada no *Photoshop*, utilizando as cores primárias. Para o fundo amarelo foi utilizada a técnica de pintura a dedo, com a finalidade de apresentar uma textura. A palavra Criarte foi colocada em vermelho e LIBRAS em azul, como podemos observar na seção dos resultados (figura 27, página 51).

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

O objetivo do presente estudo foi criar videoaulas explicativas com legendas em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) e em Língua Portuguesa, atuando na produção de conteúdos voltados para sustentabilidade com base no reaproveitamento de materiais, confecção de objetos artísticos e brinquedos.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Fazer um levantamento bibliográfico sobre a criatividade e os trabalhos artísticos que o surdo vem realizando ao longo dos anos.

Produzir videoaulas explicativas com legendas em LIBRAS para os discentes e docentes, visando a confecção de objetos ou brinquedos com materiais recicláveis.

Criar página no *Facebook* e um *Blog* a fim de divulgar fotos de trabalho do acervo pessoal, armazenadas e organizadas por datas, assim como, os planos de aulas e os links dos vídeos produzidos, salvos em um canal do *YouTube*.

## 3. MATERIAL E MÉTODOS

### 3.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Para realizar o levantamento dos fundamentos referentes aos aspectos da surdez, criatividade e artes visuais, que envolvem o tema produção de vídeos adaptados em LIBRAS para aulas, visando a Educação Ambiental, várias palavras-chave foram selecionadas, como: ensino de artes visuais para surdos (Arte Surda), inclusão social, criatividade nas aulas de artes, reaproveitamento de materiais e produção audiovisual.

O cruzamento desta série de palavras-chave, previamente estabelecidas, foi realizado nos sites de busca abaixo, incluindo:

- Scientific Electronic Library Online (<http://www.scielo.org/php/index.php>)
- Periódicos da Capes (<http://www.periodicos.capes.gov.br/>)
- Google acadêmico (<http://scholar.google.pt/>)

Este levantamento bibliográfico foi realizado entre os meses de Janeiro de 2015 e Abril de 2016, abrangendo, portanto, as obras catalogadas nos referidos bancos de dados bibliográficos.

A interpretação dos resultados foi feita através da análise qualitativa dos dados colhidos e a análise de conteúdo, através da pesquisa documental sobre o tema estudado.

#### 3.1.1 FotoLIBRAS – Arte surda

Para a realização esta etapa da pesquisa, foram realizadas entrevistas. Solicitou-se a todos os participantes que assinassem o termo de livre consentimento de participação na pesquisa (TCLE), bem como a autorização do uso de imagens, que se encontram nos anexos nº 7.1; 7.2. As autorizações se encontram arquivadas no laboratório *Spread The Sign*. Realizamos entrevistas com os artistas que fizeram suas exposições no Museu de Arte do Rio (MAR) e outros que fizeram apresentações no Congresso do INES de 2015. Devemos mencionar que este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Fluminense, sob o certificado de apresentação para apreciação ética (CAAE) número 43032715.9.00005243.

As entrevistas foram realizadas com perguntas abertas, filmadas e transcritas em português, visto que a maioria dos entrevistados era surda. Utilizamos o apoio de um intérprete para a comunicação e a 'versão voz' das respostas. A análise dos dados foi interpretada através da análise de discurso de VALA (1996).

As perguntas utilizadas foram:

- Como a fotografia começou a fazer parte da sua vida?
- Como você se sente fazendo parte de um projeto tão importante para a valorização e inclusão do surdo na sociedade?
- Como é a aceitação do surdo ao ser convidado para integrar este projeto?
- Quais modificações este projeto acarretou na sua vida profissional?
- Na sua opinião qual é a importância da fotografia para o surdo?
- Qual a metodologia que você utiliza para analisar estas fotografias?
- Qual a grande emoção envolvida na produção de fotos feitas pelos surdos deste projeto?

### **3.2 PRODUÇÃO DE VÍDEOS**

Para a realização das videoaulas, utilizou-se a máquina Canon 60 D, com um cartão de memória de 16 Gb, apoiada em um tripé, no estúdio do projeto *Spread The Sign*. Utilizamos o programa Adobe Premier Elements 11 para a edição do Vídeo ou *FinalCut*. A produção necessitou de um passo a passo, para a confecção dos produtos, brinquedos e objetos artísticos. Todos foram confeccionados no mesmo momento das gravações, para melhor visualização das etapas a serem concluídas.

Cada vídeo inicia com a explicação do conteúdo nele abordado e a exibição da foto do produto confeccionado, em seguida é exibida uma lista de materiais necessários para sua confecção. Apesar de se utilizar sucata, material reaproveitável, necessitamos de cola e outros materiais de apoio. Para a realização do legendamento em LIBRAS e em Língua Portuguesa, contamos com o apoio dos atores-intérpretes Juliete Viana e Alex Sandro Lins, da assistente de imagem Stella Manes e da jornalista Aline Angel, na edição dos dois primeiros vídeos.

### **3.3 A PÁGINA DO FACEBOOK**

As redes sociais *online* permitem a participação, em igualdade de condições das pessoas deficientes, que socializam e integram os indivíduos à sociedade. No caso do *Facebook* e do *YouTube*, o surdo é participante ativo e utiliza as redes para informar, aprender, trocar ideias, organizar grupos entre outros. Por este motivo, escolhemos estas redes sociais para hospedar o produto final, do nosso trabalho por se tratar de ambientes virtuais utilizados pelos surdos e outros deficientes, com muita propriedade.

A página do *Facebook*, CriarteLIBRAS, foi criada para armazenar os registros fotográficos do meu arquivo pessoal, de trabalhos de discentes surdos desenvolvidos nas aulas de artes. As fotos divulgadas não envolvem a imagem das pessoas e sim os produtos confeccionados pelos discentes Surdos. Essa página será utilizada para divulgação de novas atividades postadas em um *Blog* e no *YouTube* com o mesmo nome.

Foram convidados a participar todos os Surdos e ouvintes, da minha página pessoal, assim como docentes do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Para a divulgação dos trabalhos, registros fotográficos foram postados na página do CriarteLIBRAS no *Facebook* e as videoaulas legendadas em LIBRAS no canal CriarteLIBRAS no *YouTube*. Essa página recebeu o formato de um *Blog* pessoal, opção oferecida pela plataforma, onde o público tem a opção de “curtir” a página para assim receber as notificações e atualizações.

#### **3.3.1 O canal CriarteLIBRAS no YouTube**

Para hospedar as videoaulas, foi criado um canal no *YouTube*. Esse canal é um depósito de vídeos, muito utilizado pela comunidade surda por atender as suas necessidades de aprendizagem através da pedagogia visual (CAMPELLO, 2008).

#### **3.3.2 O Blog CriarteLIBRAS**

Um *Blog*, com o mesmo nome CriarteLIBRAS, foi criado para armazenar as fotos organizadas e os *links* das videoaulas, que foram armazenadas no canal criado no *YouTube*. O *Blog* apresenta uma organização de fácil acesso,

possibilitando o usuário uma melhor forma de encontrar o que lhe interessa. Esta plataforma permitiu organizar os planos de aulas, as fotos e os vídeos, facilitando o usuário na hora da sua pesquisa. Inicialmente o *Blog CriarteLIBRAS* foi organizado em cinco abas.

- Quem somos,
- Fotografias de trabalhos,
- Videoaulas,
- Sustentabilidade e
- Educação Ambiental.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 A CRIATIVIDADE NO ESPAÇO DA AULA DE ARTES

Como a criatividade foi uma valência de destaque durante as aulas, pesquisei mais sobre este tema e descreverei abaixo.

Buscas no *Google Acadêmico* com a palavra criatividade nos levou a encontrar 245.000 artigos, enquanto no *Scielo* foram localizados 451 artigos. Seleccionamos entre os resultados, trabalhos cujos autores relacionassem a surdez, a criatividade e a arte.

Um ambiente social favorável, com estímulos, possibilita a criatividade no ser humano, mas esta dependerá das características pessoais e tradições onde o indivíduo estiver inserido. O indivíduo que realiza suas tarefas com êxito tem prazer e satisfação nas suas obrigações, mas quando ele tem dificuldade em interagir, a baixa expectativa do docente, pode-se dizer que essa capacidade criativa pode não aflorar (ALENCAR, 1998).

A criatividade se faz presente em todos os seres humanos, devemos desbloquear o que impede o fluxo natural (NACHMANOVITCH,1993).

Ao pontuar o tema criatividade, não podemos deixar de citar a autora Fayga Ostrower (1920-2001), em seu livro *“Criatividade e os processos de criação”*, (1983) escreve sobre o tema, tendo como enfoque o ser humano criativo:

As potencialidades e os processos criativos não se restringem, porém, à arte. Em nossa época, as artes são vistas como área privilegiada do fazer humano, onde ao indivíduo parece facultada uma liberdade de ação em amplitude emocional e intelectual inexistente nos outros campos de atividade humana. Não nos parece correta essa visão de criatividade. O criar só pode ser visto num sentido global, como um agir integrado em um viver humano. De fato, criar e viver se interligam (OSTROWER,1983; p.5).

Minha experiência tem mostrado que no jogo de descobrir, inventar e reinventar, o discente surdo amplia as possibilidades de aprendizagem e criação, e pode desenvolver uma nova maneira de perceber o mundo e a si próprio.

Criatividade, palavra que expressa o resultado de ações, como pensar, inventar, transformar, reaproveitar, reutilizar, realizar e criar, não pode ser medida. Por vezes, costumamos dizer que tal discente é “muito criativo”. Quando

existe essa referência, acreditamos que o discente possui a capacidade de expressar os seus sentimentos, ideias e emoções, reunidas em uma ação na qual o certo ou errado não existem, apenas a forma de expressão única e singular de cada um. As figuras 7 e 8, mostram que o inventar e o criar podem ser realizados com sucatas e materiais disponíveis pelo docente.



**Figura 7** - Produções artísticas de discentes do INES, reaproveitamento de materiais.  
Fonte: Arquivo pessoal.



**Figura 8** - Produção artística dos discentes do INES. Pintura em cavalete.  
Fonte: Arquivo Pessoal

Quando o discente se apropria de sua criatividade, isso pode facilitar na solução de problemas em suas ações cotidianas, pois o mesmo poderá perceber suas múltiplas possibilidades de experiências. É quando o discente pode transferir seu conhecimento e agir de forma diversificada, pois isso foi previamente apreendido e retido em experiências anteriores (OSTROWER, 1983).

É no espaço das aulas de artes que as crianças encontram oportunidade de expor suas aptidões artísticas e a criatividade, podendo até mais tarde servir de um impulso para a escolha profissional.

A criatividade é multidimensional, imensurável, subjetiva, ainda que muitos pensem que ela é inata, ela pode ser desenvolvida desde muito cedo através de estímulos e espaços de oportunidades (SOUZA, 2013).

Quaisquer que sejam as qualidades que a "qualidade" possua, um ato pode ser engenhoso, divertido e impressionante e, no entanto, não ser arte. A arte exige uma união entre o material consciente e o material inconsciente, uma conexão com a realidade emocional, que é a experiência partilhada pelo artista e pelo público (NACHMANOVITCH, 1993, p. 157).

Ilustro com alguns trabalhos desenvolvidos pelos meus discentes do INES, realizado com técnicas diferentes, que atingiram a meta de um produto, mesmo que de uma forma simples, pois eram discentes do Ensino Fundamental I. A oportunidade para essas crianças fez a diferença como podemos observar nas figuras 9 e 10.



**Figura 9** - Mural de exposição das pinturas de discentes do INES.  
Fonte: Arquivo pessoal.



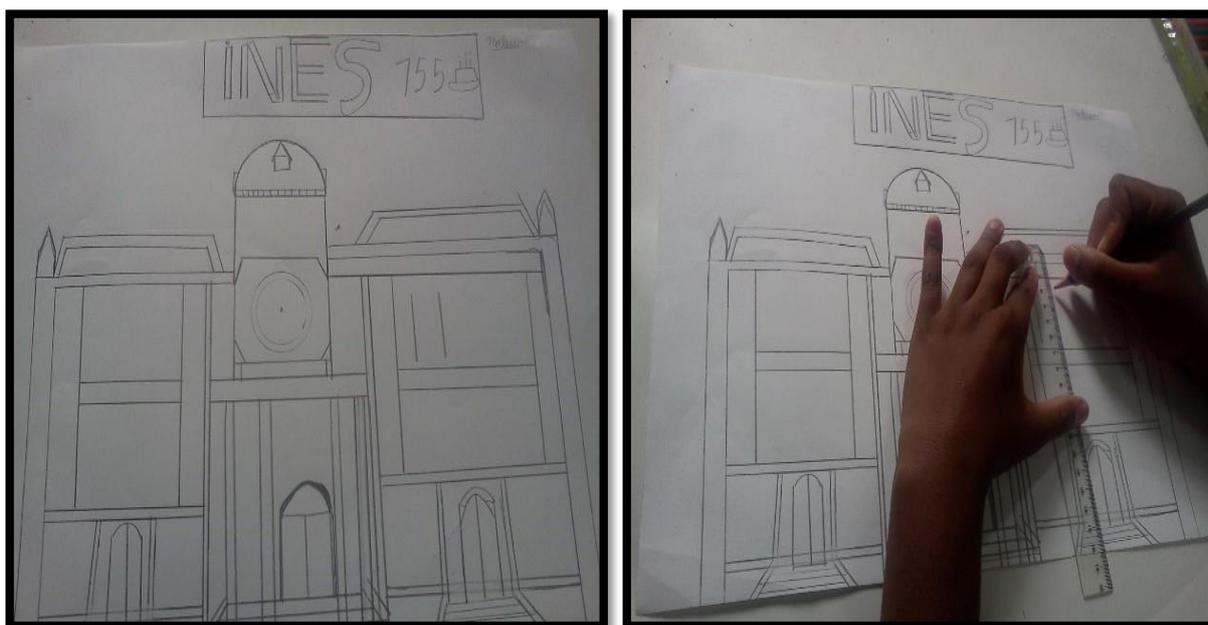
**Figura 10** - Máscaras confeccionadas pelos discentes do INES, utilizando bola de encher jornal, cola e tinta.  
Fonte: Arquivo pessoal.

A escola de hoje deve viabilizar a democracia, a ética, a autonomia e a emancipação visando um projeto humanista e solidário, com planejamento participativo, com estratégias de qualidade, com todos e para todos.

Na nossa prática com a educação de surdos observamos que a pedagogia visual tem possibilitado ao surdo o desenvolvimento de habilidades em desenho, bem como em outras artes visuais. O surdo com altas habilidades tem acesso à educação através do modelo bilíngue, com isso a escola precisa criar respostas

condizentes com esta filosofia que desenvolva todas as relações imagéticas (CAMPELLO, 2008).

Narrarei aqui um estudo de caso onde um discente surdo do INES foi rotulado como implicante, fraco, que não presta atenção nas aulas, mas isso não acontecia nas aulas de artes. O fato causou um certo constrangimento durante as reuniões de docentes. Parecia que estávamos tratando de dois discentes diferentes, sendo a mesma pessoa. Me chamava a atenção o modo criativo dele se expressar, tanto na atividade psicomotora, como o teatro. Seus trabalhos artísticos eram realizados com concentração, com capricho e acabamento dignos de serem expostos em qualquer galeria de Arte. O discente com habilidade em desenho e na área da criatividade realiza suas tarefas com envolvimento, atingindo o percentual acima da média ao demonstrar sua criatividade, conforme as figuras 11 (A) e (B): um aluno demonstra a sua percepção e a sua memória, ao realizar os desenhos sem observar o prédio.



**Figura 11** (A) e (B) - Desenhos da fachada do INES realizados por um discente.  
Fonte: Arquivo pessoal.

A criatividade deste discente, encontrava nas aulas de artes o espaço que necessitava para aflorar. Suas habilidades no desenho me chamaram muita atenção. Por ocasião do aniversário do INES, este discente desenhcou a fachada da escola, usando a perspectiva e uma riqueza de detalhes que só poderiam ser

registradas caso ele estivesse observando o prédio, o que mostra um olhar bastante aguçado e atento deste discente.

Os discentes com deficiência são atendidos nas escolas inclusivas, levando em consideração, em primeiro plano, a sua deficiência, quando deveriam ser valorizados em seus talentos.

Negrini (2009), menciona que discentes com altas habilidades e surdez (AH/SD) são crianças como as outras, que apresentam características, traços e atributos que sobressaem em relação a sua faixa etária. Seu desenvolvimento sofre influência do fator sócio-cultural. Esse fenômeno cultural intermediado depende da existência de um sistema compartilhado de símbolos. Sabendo-se que a ausência da audição não impede a formação do pensamento cognitivo da pessoa surda, este se dá através de interações sociais (QUADROS; QUER, 2010).

A dificuldade encontrada no atendimento desta população está na comunicação, pois os docentes e familiares dos surdos não dominam a LIBRAS: 95% destes familiares são de ouvintes.

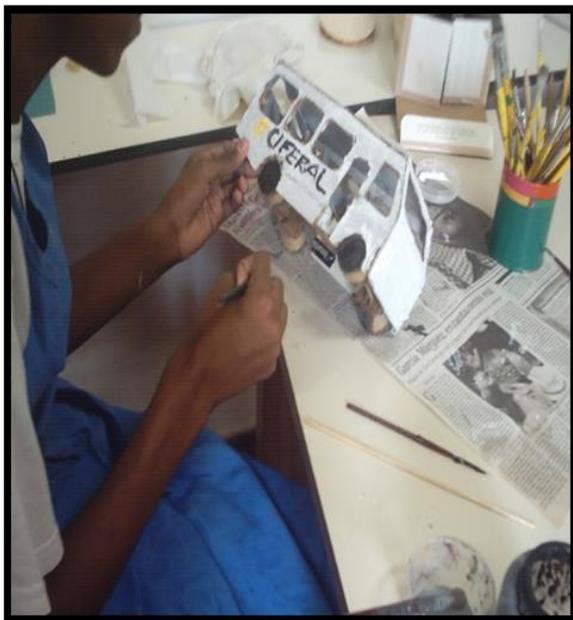
É importante ressaltar que precisamos estimular os profissionais que trabalham com a surdez a ter este olhar diferenciado quanto às habilidades destes discentes. A surdez não é impedimento para o pensamento e a ação. Para tanto, é importante que esses docentes possam ter um currículo qualificado para a criação de materiais bilíngues que atendam aos discentes que pertencem à mesma comunidade educativa. Assim, surdos e ouvintes podem ter as mesmas oportunidades.

O surdo é uma minoria em uma sociedade ouvinte, é socialmente justo que esta pessoa tenha iguais oportunidades no âmbito escolar.

É difícil saber a dimensão do potencial criativo de cada indivíduo, pois ela só é observável a partir das manifestações concretas. Ostrower (1983, p. 27) afirma ainda que “a criatividade se reabastece nos próprios processos através dos quais se realiza”. Ao contrário, quando o indivíduo é tolhido, reprimido ou ameaçado, a criatividade é apagada. Se isto for aceito, nos deparamos com uma grande dificuldade, pois, de um lado, valorizamos a criatividade, por outro, nos encontramos em uma sociedade massificadora, competitiva e homogeneizadora (SOUSA, 2012).

Esse dilema se torna ainda mais problemático quando lidamos com discentes surdos. Nesse caso, eles sofrem uma dupla carga negativa, qual seja, não participam “competitivamente” do mundo sonoro, vivendo em comunidades próprias, e, por outro lado, a escola, e a sociedade como um todo, não lhes oferecem espaços criativos compensatórios onde eles possam desenvolver o potencial criativo que eles possuem.

Tanto a criatividade quanto os seus produtos (fotos, desenhos, esculturas, etc.) são importantes e ajudam na afirmação do indivíduo no seio da família, da escola e do mundo do trabalho. Com criatividade, os indivíduos podem analisar ideias, resolver problemas, tomar decisões e gerenciar seu pensamento no processo criativo e laboral (ALENCAR *et al*, 2012). A criatividade presente através dos trabalhos de discentes apresentados nas figuras 12, 13, 14 e 15.



**Figura 12** - Ônibus confeccionado com papelão.  
Fonte: Arquivo Pessoal.



**Figura 13** - Árvore de Natal confeccionada por discentes, com garrafinhas de iogurte.  
Fonte: Arquivo Pessoal.



**Figura 14** - Escultura feita com canudos e arame.  
Fonte: Arquivo Pessoal.



**Figura 15** - Bonecos feitos com garrafa PET, cola, jornal e tinta.  
Fonte: Arquivo Pessoal.

#### 4.1.1 FotoLIBRAS

Os PCNs propõem a Arte em diferentes linguagens artísticas, como: Artes Visuais, englobando artes plásticas, artes gráficas, vídeo, cinema, fotografia e as novas tecnologias, como arte em computador, Música, Teatro e Dança.

Pesquisamos as manifestações artísticas de surdos nas diferentes linguagens.

O projeto FotoLibras está sendo relatado nesta dissertação, por se tratar de uma atividade artística onde a expressão dos surdos é valorizada.

O projeto FotoLIBRAS teve início no ano de 2006, quando em reuniões realizadas entre surdos e fotógrafos ouvintes, era preparado o primeiro curso de fotografia para surdos no Brasil. A divulgação deste trabalho vem acontecendo em forma de exposições, oficinas e cursos que aconteceram em várias cidades brasileiras, até a presente data.

O projeto funciona em uma sala de aula de uma escola pública, onde são promovidos cursos e, a cada ano, cerca de 20 surdos são envolvidos nessas atividades que abordam desde a teoria da imagem. A fotografia é pensada muito mais como uma linguagem artística. A máquina fotográfica é um viés e através dela são trabalhados os elementos técnicos como diafragma e obturador, que

são as partes da câmera. O funcionamento da câmera não é o mais importante, mas sim o olhar do surdo e a linguagem fotográfica. Este depoimento foi dado pela organizadora do projeto, enquanto realizávamos as entrevistas com os artistas: dois surdos do sexo masculino e dois do sexo feminino.

A exposição mostrou que através da fotografia acontece a comunicação e a expressão de sentimentos. O projeto quebrou barreiras e acarretou mudanças na vida de todos os entrevistados, que nos relatam um fortalecimento da autoestima, um sentimento de valorização do surdo, ao participarem e mostrarem para a sociedade o quanto a inclusão social é possível.

Podemos verificar isso pela resposta dada por um dos entrevistados para a pergunta 1 ‘Como a fotografia começou a fazer parte da sua vida?’:

Começou a fazer parte da minha vida primeiramente quando eu tinha entre os dezesseis e dezessete anos fiz o curso de fotografia. Eu era muito jovem quando comecei, e me desenvolvi. Eu não conhecia a fotografia antes, nunca tive este contato, então eu não sabia como fotografar, então eu fiz o curso para ter este conhecimento, e abriu meus horizontes, e tive um olhar de outra forma, um sentimento diferente. Eu comecei a fotografar, treinar e praticar estas técnicas. Em seguida eu apresentava aos docentes para saber se eu estava certa ou errada, parecia um bebê que estava começando dar seus primeiros passos, a engatinhar e me desenvolvi muito rápido neste processo. Eu me desenvolvi na fotografia, e comecei a ensinar aos surdos, pois era mais fácil nos colocar no lugar do outro e ele percebia em mim uma percepção diferenciada sobre as coisas, ficava mais fácil esta troca entre surdos. Comecei a abrir os horizontes, conhecer a fotografia foi de extrema importância. A fotografia apóia as pessoas, quebrou barreiras. No início o curso era muito difícil, mas depois eu fui aprendendo, foi ficando mais fácil, fui aprendendo os sinais, a temática, na hora exata de tirar uma foto, eu perguntava: qual o sinal disso? Como é, por exemplo, o Diafragma, qual o sinal? Eu fui fazendo o sinal, o surdo não conhecia foi muito bom este apoio. Fiz parte da primeira turma há oito anos (ENTREVISTADO A).

Entre a maioria dos entrevistados, na pergunta 2 ‘Como você se sente fazendo parte de um projeto tão importante para a valorização e inclusão do surdo na sociedade?’, relataram que a fotografia é importante para o Surdo, assim como para os ouvintes, pois através delas as emoções são transmitidas e interpretadas individualmente, como também a melhora da comunicação.

Eu tinha problemas de comunicação com a minha família, dificuldades, não conseguia me comunicar com os meus pais e familiares. Sempre fiz essa comunicação através de imagens. Acho que esse é o sentimento do surdo, mais fácil comunicar através de imagens. Através da imagem você vê, explica e compreende melhor. É bom para a sociedade e para os surdos (ENTREVISTADO B).

O FotoLIBRAS é um projeto de fotografia participativa<sup>3</sup>, com surdos, no qual a fotografia é utilizada como ferramenta de comunicação entre surdos, ouvintes e o mundo.

Foi encontrado como resultado das perguntas 3 ‘Como é a aceitação do surdo ao ser convidado para integrar este projeto?’ e 4 ‘Quais modificações este projeto acarretou na sua vida profissional?’ uma mudança na vida dos entrevistados e uma melhora na sua autoestima após a participação no projeto fotoLIBRAS, exemplo disso a resposta abaixo.

O surdo na sociedade é importante, mas o surdo e o ouvinte são diferentes entre si. A maioria dos ouvintes tem muitas oportunidades, mas para o surdo quase nenhuma. Pois na sociedade falta estimular o processo educativo, para ele desenvolver o aprendizado, pois falta acessibilidade, faltam cursos voltados para o aprendizado do surdo. Pois para os ouvintes já possuem, mas para os surdos ainda faltam. Ainda há ausência de acessibilidade e respeito ao surdo. Eu gostei fiquei feliz com convite pra vir aqui no Rio de Janeiro pra fazer essa apresentação eu fiquei muito feliz apresentar meu trabalho muito orgulhoso como surdo (ENTREVISTADO C).

Não estamos preocupados em arrumar o português do surdo entrevistado, pois entendemos que devemos respeitar a sua língua, assim eles puderam enriquecer a sua resposta de forma espontânea.

Na pergunta 5 ‘Na sua opinião qual é a importância da fotografia para o surdo?’, todos reconheceram a importância da fotografia nas suas vidas por ser uma ferramenta de forte expressão que possibilita a pedagogia visual (CAMPELLO, 2008). A fotografia artística, não se trata da fotografia popularizada, como *selfies*, todo mundo tira, todo mundo vê, e sim da fotografia

---

<sup>3</sup> A fotografia participativa é um processo pelo qual as pessoas podem identificar, representar e melhorar a sua comunidade através de uma técnica fotográfica específica. É confiada câmaras nas mãos de pessoas que lhes permite agir como documentaristas, e potenciais catalisadores de ação social e de mudança, em suas próprias comunidades de compartilhamento participativo e de conhecimentos para criar políticas públicas saudáveis (BLACKMAN; FAIREY, 2007, p. 10).

pensada, elaborada a partir do desenvolvimento do olhar, onde ele possa criar narrativas visuais.

Na pergunta 6 'Qual a metodologia você utiliza para analisar e escolher estas fotografias?', percebemos que nenhum dos entrevistados entenderam a pergunta, por isso descartamos todas as respostas. A metodologia utilizada era feita através da escolha, em conjunto com o docente, quais as melhores fotos, dentro de critérios estabelecidos por eles.

Na pergunta 7 'Qual a grande emoção envolvida na produção de fotos feitas pelos surdos deste projeto?', todos têm prazer em fotografar, a emoção fica declarada na resposta de um dos entrevistados: "Eu tinha certo bloqueio, foi a primeira vez na minha cidade que eu tive a opção interessante de começar, criar, abrir a mente de verdade e levar isso para outros locais. A emoção é: Felicidade".

No período de 26 de maio a 5 de julho de 2015, o estudo apresentou os resultados de seus trabalhos no Museu de Arte do Rio de Janeiro (MAR), em uma exposição que recebeu o nome "Por Contato". Podemos observar estes registros nas figuras 16 e 17, 18 e 19.



**Figura 16** - Fotógrafos Surdos, artistas da exposição "Por Contato".  
Fonte: Arquivo pessoal.



**Figura 17** - Foto da Exposição "Por Contato".  
Fonte: Arquivo pessoal.



**Figura 18** - Foto da Exposição “Por Contato”.

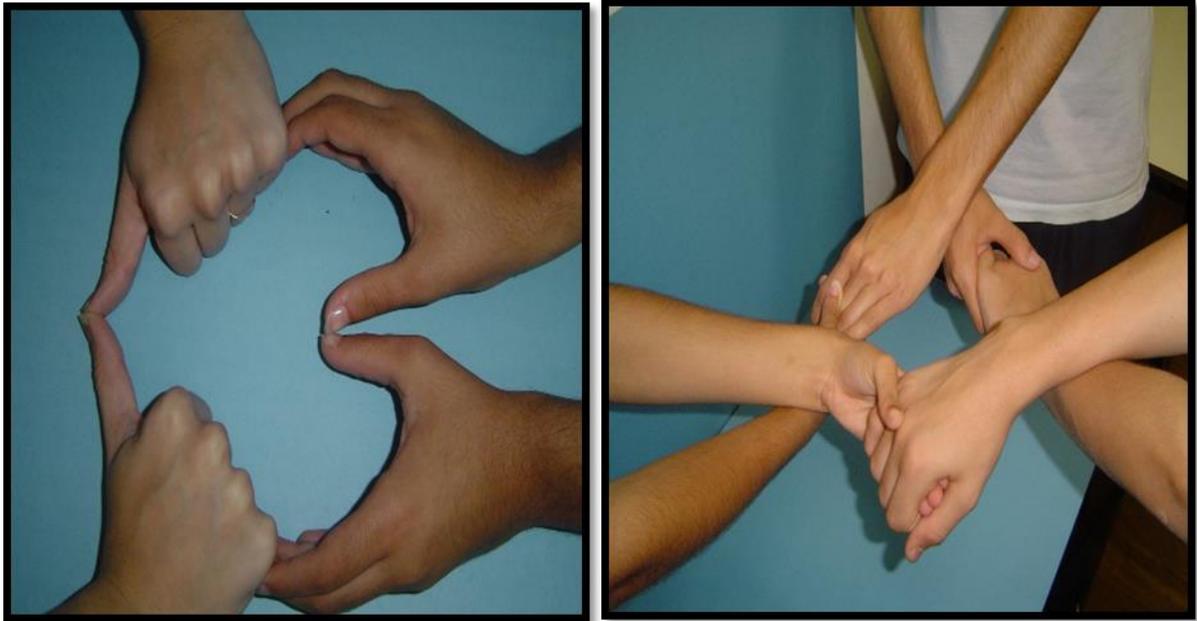
Fonte: Arquivo pessoal.



**Figura 19** - Foto da Exposição “Por Contato”.

Fonte: Arquivo pessoal.

A fotografia esteve presente na sala de artes do INES no ano de 2004, quando a docente Angelice Barcellos desenvolveu um projeto com discentes da 8ª série do Ensino Fundamental 2, aproximando a Arte das novas tecnologias. Na época as máquinas fotográficas digitais estavam substituindo as máquinas onde a revelação de filmes ainda era necessária. O trabalho intitulado “Mosaicos Fotográficos: Registros de Jovens Surdos” é um artigo do resultado do trabalho realizado. Foram trabalhados com os discentes os conceitos básicos de fotografia como perto/longe, o zoom e macros. As fotografias tiradas fizeram parte de uma exposição organizada pela docente. As Figuras 20 (A) e (B) nos mostram um pouco deste trabalho.



**Figura 20** (A) e (B) - Foto do projeto “Mosaicos Fotográficos”.  
Fonte: Arquivo pessoal. Créditos: Angelice Barcellos.

O conceito citado por Sachs (2008), a sustentabilidade cultural, referiu-se às mudanças sobre sua continuidade; seria o equilíbrio entre respeito à tradição e inovação; em oposição à cópia de modelos do exterior. Estamos vivendo um momento onde procuramos concretizar o princípio básico da sociedade sustentável e a sua forma de vida, pois cada vez mais culturas vêm se aproximando e se cruzando. Na era global na qual as informações chegam rápido, a sustentabilidade cultural vive impregnada das influências do poder econômico e este tem uma força grande, muitas vezes são formadores de opinião sobre qualquer tema. Viver a arte do surdo é encarar o desafio da diversidade cultural como forma de enriquecimento coletivo criando condições para o desenvolvimento de todos (COLL *et al*, 2010).

## 4.2 AS VIDEOAULAS

As vídeoaulas foram elaboradas e filmadas no estúdio *Spread the sign*<sup>4</sup>, localizado na Universidade Federal Fluminense, Campus Valonguinho, com a intenção de divulgar e visar à construção de conhecimentos e ao desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores sociais. As cinco vídeoaulas

---

<sup>4</sup> É um site criado enquanto instrumento pedagógico para tornar a Língua Gestual acessível a todos. A página é administrada pelo European Sign Language Centre (Centro de Línguas Gestuais Europeias), uma organização não-governamental e sem fins lucrativos. Fonte: <https://www.spreadthesign.com/br/>

têm como objetivo ensinar a construção de brinquedos através do reaproveitamento de materiais. As aulas foram editadas utilizando a janela de legenda em Libras, com metade da tela, seguindo as normas estabelecidas pela ABNT NBR 15290:2005, como podemos observar nas figuras 21, 22, 23, 24 e 25. A partir da segunda videoaula foram incluídas as legendas em língua portuguesa, para garantir o acesso de todos ao nosso produto. Foi produzido um DVD com as cinco videoaulas, facilitando assim as escolas que não possuem Internet a utilizarem este apoio pedagógico. Na figura 26 apresentamos a capa do DVD e na figura 27 podemos observar a logomarca criada para todos os produtos.



**Figura 21** - Frame 1: Videoaula Bilboquê.  
Fonte: Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/channel/UCcM-LkQmUT3JrrOTHiETbj>>.



**Figura 22** – Frame 2: Videoaula Pião de CD.  
Fonte: Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/channel/UCcM-LkQmUT3JrrOTHiETbj>>.



**Figura 23** - Frame 3: Videoaula Catavento.  
 Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCcM-LkQmUT3JrrOThIETbjQ>>.



**Figura 24** - Frame 4: Videoaula Globo garrafa PET.  
 Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCcM-LkQmUT3JrrOThIETbjQ>>.



**Figura 25** - Frame 5: Videoaula Barangandão  
 Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCcM-LkQmUT3JrrOThIETbjQ>>.



**Figura 26** - Capa do DVD.  
 Fonte: Arquivo pessoal.



**Figura 27** - Logomarca utilizada nos produtos.  
 Fonte: Arquivo pessoal.

## 4.3 FACEBOOK

A página do *Facebook* está em fase de divulgação. Atingindo até 18/03/2016, 266 curtidas. Através da página, estão sendo divulgadas além das fotos do meu arquivo pessoal de trabalhos de discentes, filmes em LIBRAS, notícias sobre inclusão e divulgação de eventos de interesse dos Surdos. Foram enviados convites aos usuários para que curtam a página.

A educação vem se transformando e não podemos deixar de aproveitar os novos recursos tecnológicos em prol da aprendizagem. Ao falarmos de indivíduos surdos, precisamos lembrar que a Língua Portuguesa escrita, presente nas redes sociais de maior acesso, como o *Facebook* e o *Twitter*, é a segunda língua dos surdos, sendo LIBRAS a primeira. As redes são ferramentas usadas com muita propriedade, principalmente no compartilhamento de vídeos, onde a comunicação é realizada em LIBRAS. Podemos ver na figura 28 uma foto da referida página.



**Figura 28** – Frame 6: Página CriarteLIBRAS no *Facebook*.  
Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/criartelibras>>.

### 4.3.1 O Blog

O *Blog CriarteLIBRAS* está no ar e foi organizado em 6 páginas. São elas: página inicial, quem somos, videoaulas, fotos de trabalhos, sustentabilidade e Educação Ambiental.



**Figura 29** - Frame 9: *Blog CriarteLIBRAS*.  
Fonte: <<http://criartelibras.blogspot.com.br/>>.

Foram postadas informações sobre a Conferência Rio+20, assim como a cartilha ilustrada “O futuro que queremos”, que foi confeccionada com base no documento que encerrou a conferência.

Foram adicionados *links* de páginas na Internet, onde estão armazenadas leis sobre sustentabilidade e *Blogs* que apresentam trabalhos artesanais com reaproveitamento de material.

Na sessão de fotos de trabalhos foram adicionadas fotos do meu arquivo pessoal, contendo trabalhos com reaproveitamento de material, a partir do ano de 1991. As fotos receberam a logo do *Blog* e o ano que foi tirada para melhor organização.

Todas as videoaulas foram postadas no *Blog*, com os temas: Billoquê, Pião de CD, Globo de garrafa PET, Catavento e Barangandão.

As redes sociais estão hoje no auge por serem um espaço democrático, de fácil acesso, no qual pessoas interagem em busca de seus interesses sociais.

Este ambiente transformou-se em um atrativo espaço informal de aprendizagem. No caso dos *Blogs*, que são chamados de “Diários Pessoais”, é possível trocar, divulgar experiências e tirar dúvidas entre pessoas com o mesmo interesse. A sua organização facilita a pesquisa de quem visita o *Blog*, pois, é uma plataforma que foi organizada por assuntos.

Segundo Patrício e Gonçalves (2010), as novas tecnologias da web auxiliam os docentes por servirem de ferramenta de trabalho, ao apresentarem flexibilidade, e levar o discente a aprender, a pensar, a colaborar, a dividir e a elaborar o seu conhecimento.

## 5. CONCLUSÕES

Através do levantamento bibliográfico pode-se concluir que a criatividade, é uma competência dos seres humanos, é multidimensional e os trabalhos artísticos que os surdos vêm produzindo precisam ser mais divulgados, pois assim possibilitará um reconhecimento e a valorização dos trabalhos aqui relatados.

A produção das videoaulas de Arte é de suma importância para os discentes e docentes, pois há falta de materiais didáticos adaptados em LIBRAS. Assim, estas aulas poderão contribuir para a melhoria do ensino e aprendizagem e, talvez, servir como modelos que possam ser seguidos por outros profissionais.

O reaproveitamento dos materiais na sala de Artes leva à conscientização dos discentes e docentes sobre a importância de nos preocuparmos com a sustentabilidade ambiental, assim estamos preparando ambos para aplicá-los em diversos momentos de sua vida.

As páginas que criamos nas redes sociais CriarteLIBRAS, *Blog*, *Facebook* e o canal do *YouTube* ajudarão a divulgar os materiais produzidos pelos surdos, bem como poderão ser uma fonte de consulta para futuros pesquisadores.

As videoaulas explicativas com legendas em LIBRAS e Língua Portuguesa, atuando na produção de conteúdos voltados para sustentabilidade, com base no reaproveitamento de materiais, confecção de objetos artísticos e brinquedos, contribuirão para a formação de um indivíduo mais consciente e preocupado não só com a sustentabilidade, mas também com a inclusão social, ao ter a oportunidade de conhecer a LIBRAS que é a língua materna do Surdo. Considero o material com uma proposta inclusiva, pelo fato de poder ser utilizado tanto por surdos como por ouvintes.

## 6. REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S. Promovendo um ambiente favorável à criatividade nas organizações. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 18-25, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v38n2/a03v38n2.pdf>>. Acesso em: 10/12/2015.

ALENCAR, E. M. L., BRUNO-FARIA, M. F., FLEITH, D. S. **Medidas de Criatividade**: teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 2012.

ARANHA, M. L. de. **História da Educação**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1996, p. 11-22.

AZEVEDO, F. A. G. Multiculturalidade e um fragmento da História da Arte/Educação Especial. In: **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002. p.95-110.

BARBOSA, Ana Mae. Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo. Revista Digital Art&-Número 0-Outubro de, 2003. p17.

\_\_\_\_\_. **Arte-educação no Brasil**. 6 °. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 13-40.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 15-110.

\_\_\_\_\_.; COUTINHO, Rejane Galvão. **Ensino da arte no Brasil**: Aspectos históricos e metodológicos. Acervo Digital da Unesp. São Paulo: UNESP; NEaD. 2011. Disponível em <[http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed\\_art\\_m1d2.pdf](http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed_art_m1d2.pdf)>. Acesso em: 03/03/2016.

BLACKMAN, A.; FAIREY, T. **The PhotoVoice Manual**. A guide to designing and running participatory photography projects. Londres: Photovoice. 2007. Disponível em: <[https://photovoice.org/wp-content/uploads/2014/09/PV\\_Manual.pdf](https://photovoice.org/wp-content/uploads/2014/09/PV_Manual.pdf)>. Acesso em: 01/03/2016.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Coordenadoria Nacional para Interação da Pessoa Portadora de Deficiência. Brasília. 2007. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&)

alias=424-cartilha-c&category\_slug=documentos-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 06/04/2016.

\_\_\_\_\_. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: UNESCO, 1994.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 01/02/2016.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm)>. Acesso em 24/02/2016.

\_\_\_\_\_. Parecer CNE/CEB nº 22/2005. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. 2005. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb22\\_05.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb22_05.pdf)>. Acesso em 20/01/2016.

\_\_\_\_\_. A surdez e a surdez no Brasil, (cadeira de higiene) Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos, nº6, Rio de Janeiro, 2013a p. 8-97.

\_\_\_\_\_. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI. 2013b. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 12/12/15.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. Aspectos da visualidade na educação de surdos. Tese. (Doutorado em Educação). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91182>>. Acesso em 18/01/2016.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 209-231, 2003.

CARVALHO, P. **Herança do Abade de L'Épée na viragem do século XVIII para o século XIX**. Lisboa, Editora: The Factory, 2013, p: 9-69.

COLL, C., MARCHESI, A.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação** - Necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Vol. 1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 10-12.

COUTINHO, R. G. A formação dos docentes de Arte. In: \_\_\_\_\_. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 153-154.

DECLARAÇÃO DE ESTOCOLMO SOBRE O MEIO AMBIENTE HUMANO. 1972. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Meio-Ambiente/declaracao-de-estocolmo-sobre-o-ambiente-humano.html>>. Acesso em: 27/09/2015.

FARIAS, Angelice Marins de. **Arte e tecnologia: o percurso de dois currículos do ensino superior**. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

FERNANDES, Luís. **Redes Sociais Online e Educação**: Contributo do Facebook no Contexto das Comunidades Virtuais de Aprendentes. Lisboa: Universidade de Nova Lisboa. 2011. Disponível em: <[http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio\\_TRMEF.pdf](http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio_TRMEF.pdf)>. Acessado em 18/08/2015.

FUSARI, M. F.; FERRAZ, M. H. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da Terra: Ecopedagogia e educação sustentável. In: TORRES, Carlos Alberto (Coord.). Paulo Freire y la agenda de la educación latinoamericana en el siglo XXI. Buenos Aires: Clacso, 2001. p.81-132. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101010031842/4gadotti.pdf>>. Acesso em: janeiro/2016.

GAMA, Flausino José da. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos**. Rio de Janeiro. 1875.

INES. **Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos**. 2011. p12 e 13

\_\_\_\_\_. **Histórico**. 2015. Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/historico>>. Acesso em: 18/03/2016.

\_\_\_\_\_. Portaria SESU 942 de 2006.pdf - Decreto nº 7.480, de 16 de maio de 2011 (DOU de 17/5/2011). Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/uploads/ensino-superior/graduacao/Decreto-7.480-de-maio-de-20111.pdf>>. Acesso em: 18/03/2016.

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 118, p. 189-206, 2003.

KISO, Rafael. **Guia de conhecimento para uma estratégia Web 2.0 de sucesso**. s/d. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/14537501/Guia-Completo-para-umaestrategia-WEB-20-de-sucesso>>. Acesso em: 02/08/2015.

LAGO, A. A. C. - **Negociações Internacionais sobre a Mitigação da Mudança do Clima**. Estudo 2. Centro de Gestão e Estudos Estratégicos Ciência, Editora:Tecnologia e Inovação, Brasília 2005, p.21-34.

LEITE, A. L. T. de A.; MEDINA, N. M. (Coords.) **Educação ambiental**: curso básico a distância. Documentos e legislação da educação ambiental. 2. ed. ampliada. Brasília: MMA, v. 5, 2001.

MAGALHÃES, Annabella de Araújo. **Arte-Educação e o deficiente auditivo**. Monografia Lato Sensu. Conservatório de Música, Rio de Janeiro, 1988.

MARIANI, R. **Libras - A Construção e a Divulgação dos Conceitos Científicos Sobre O Ensino de Ciências e Biotecnologia: Integração Internacional de um Dicionário Científico Online**. Tese de doutorado (Pós-graduação em Ciências e Biotecnologia). Instituto de Biologia, Universidade Federal Fluminense, 2014.

MMA (Ministério do Meio Ambiente). **Histórico Mundial**. [2015]. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental/historico-mundial>>. Acesso em: 10/10/2015.

MOURA, Maria Cecilia de. **O surdo**: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000; p. 81-91.

NACHMANOVITCH, Stephen. **Ser criativo**: O poder da improvisação na vida e na arte. 4ª edição. São Paulo: Summus Editorial, 1993, p, 21

NEGRINI, Tatiane. **A escola de surdos e os discentes com altas habilidades/superdotação: uma problematização decorrente do processo de identificação das pessoas surdas**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). 151f. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFSM, Santa Maria. 2009. P 57-70

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis: Vozes, 1983. p.5-55

PATRÍCIO, Maria Raquel; GONÇALVES, Vitor. **Facebook: rede social educativa?**. 2010. Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos. Disponível em: <<http://www.oas.org/dil/port/1966%20Pacto%20Internacional%20sobre%20Direitos%20Civis%20e%20Pol%3%ADticos.pdf>>. Acesso em: 21/09/2015.

PEDRINI, Alexandre de Gusmão. **Trajetórias da Educação Ambiental; Educação Ambiental: Críticas e Propostas**. In: \_\_\_\_\_. **Educação Ambiental - Reflexões e Práticas Contemporâneas**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. p.56

QUADROS, Ronice Müller; QUER, Josep. **A caracterização da concordância nas línguas de sinais**. 2010. Disponível em: <<http://www.cnlse.es/sites/default/files/A%20caracteriza%C3%A7%C3%A3o%20da%20concord%C3%A2ncia%20nas%20l%C3%ADnguas%20de%20sinais.pdf>>. Acesso em: 20/03/2016.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995. p. 87.

\_\_\_\_\_. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 62

RIBEIRO, Adalberto. O Instituto Nacional de Surdos Mudos. **Revista do Serviço Público**, Rio de Janeiro, ano 5, v. 4, n. 2, 1942.

ROCHA, Solange Maria da. Histórico do INES. **Revista Espaço: edição comemorativa 140 anos - INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos**. Belo Horizonte: Editora Littera, 1997.

\_\_\_\_\_. Visitando o acervo do INES. In: **Espaço: Informativo técnico-científico do INES**. Rio de Janeiro, n. 27 (jan/jun), 2007.

\_\_\_\_\_. **O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos**. Rio de Janeiro: INES, 2008, p: 01-59.

\_\_\_\_\_. **Antíteses, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos: um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961)**. 2009. 160f. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

\_\_\_\_\_. **Memória e História: A Indagação de Esmeralda**. Coleção de Cadernos Acadêmicos. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2010, p. 10-50.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2008. p. 26-60.

SILVA, Graça Maria Dias da. **Lygia Clark no Instituto Nacional de Educação de Surdos: arte e histórias de cumplicidades**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade do Grande Rio. 2011. p. 13,

SOARES, M. A. L. **A educação do surdo no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados. 2005. p. 128.

SOUSA, Bruno Carvalho Castro. **Criatividade: a engenharia cognitiva da inovação**. DF, Edição do Autor, 2012.

SOUZA, Daniel Rodrigo Meirinho de. A fotografia participativa como ferramenta de reflexão identitária: estudo de caso com jovens em contextos de exclusão social no Brasil e em Portugal. 2013.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. **Inclusão**: um guia para educadores. Ed. Artmed, 1999.

VALA, J. Identidade Pessoal, Processos Cognitivos e Regulações Sociais. In: ICS (Eds.), **Dinâmicas Multiculturais, Novas Faces, Outros Olhares**. Lisboa: ICS 1996.

ZUCATTO, L C. Inovações em processos como uma forma de estruturar uma cadeia de suprimentos sustentável: são possíveis. **XXVIII Encontro Nacional de Engenharia de Produção**. A integração de cadeias produtivas com a abordagem da manufatura sustentável. Rio de Janeiro. 2008. Disponível em: <[http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2008\\_tn\\_sto\\_077\\_542\\_12051.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2008_tn_sto_077_542_12051.pdf)>. Acesso em: 12/01/2016.

## 7. APÊNDICES

### 7.1 TERMO DE CESSÃO DE IMAGEM



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE BIOLOGIA

#### Termo de Cessão de Imagem

Prezado(a) \_\_\_\_\_,  
venho convidá-lo(a) a contribuir, participando cedendo o direito do uso de sua imagem para uma das atividades, que está sendo realizada como parte do trabalho de mestrado de Noemi Beneques Horowicz, aluna do Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão do Instituto de Biologia da Universidade Federal Fluminense, intitulada “Videoaulas de artes com legendas em libras: ferramentas para o fomento da criatividade e sustentabilidade.

Peço também, a sua autorização de uso de imagem em Congressos sobre Educação nacionais e/ou internacionais. Essas fotos/vídeos também serão postados em sites de redes sociais como o YouTube, Facebook, entre outros.

Poderão ser veiculados fotografias, filmes e entrevistas que contenham a sua imagem e voz, em relatórios internos na UFF e na dissertação de mestrado de Noemi Beneques Horowicz, a fim de divulgar a metodologia do processo.

Caso não assine este termo, sua imagem e identidade serão totalmente preservadas, porém, a partir do instante em que conceder o direito ao uso de sua imagem para os fins declarados nesse documento, não mais será possível retroceder em sua decisão.

Se houver dúvidas a mestranda Noemi Beneques Horowicz estará à disposição para esclarecimentos pelo e-mail: [noemihoro@gmail.com](mailto:noemihoro@gmail.com).

Eu, \_\_\_\_\_,  
RG nº \_\_\_\_\_ declaro ter sido informado e concordo em participar.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

UFF – Universidade Federal Fluminense – Instituto de Biologia  
Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

## 7.2 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### Dados de identificação

Pesquisador: Noemi Beneques Horowicz

Pessoa de contato: Noemi Beneques Horowicz – Telefone 99828-3464

#### Convite

Vimos por meio de este modo convidá-lo a participar do projeto de pesquisa, VIDEOAULAS SOBRE ARTES EM LIBRAS: FERRAMENTAS PARA O FOMENTO DA CRIATIVIDADE E SUSTENTABILIDADE este projeto é de responsabilidade dos pesquisadores Noemi Beneques Horowicz e Ruth Mariani da Universidade Federal Fluminense.

As entrevistas serão gravadas e futuramente transcritas para obtenção de informações para a pesquisa. Mediante a autorização do próprio entrevistado, com a devida autorização do uso de imagem.

Este estudo não oferece qualquer risco para a saúde dos entrevistados ou dos demais participantes, visto que serão explorados apenas temas de cunho escolar e os recursos didáticos a serem oferecidos são criados com materiais atóxicos, não alérgicos, que não são perfuro-cortantes. Não haverá nenhum custo para participar desta pesquisa.

O discente ou seu responsável legal terá liberdade de retirar o consentimento e deixar de participar do estudo a qualquer momento. A participação será livre, sendo liberado do projeto aquele que desejar não participar. Informações sobre o estudo poderão ser obtidas quando desejar durante e após a execução do projeto através do e-mail [noemihoro@gmail.com](mailto:noemihoro@gmail.com)

Eu, \_\_\_\_\_,  
declaro ter sido informado e concordo em participar no estudo.

Eu, \_\_\_\_\_,  
declaro ter sido informado e concordo com a sua participação, como voluntário,  
no projeto de pesquisa acima descrito.

Niterói, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura

## **8. ANEXOS**

### **8.1 PARTICIPAÇÕES EM EVENTOS**

- XIX Congresso Internacional e XIX Seminário Nacional do INES- “Instituições Seculares de Educação de Surdos: Trajetórias e Atuais Desafios” - Setembro de 2014.
- II Simpósio Nacional Sinais em Foco: Políticas, Conhecimentos e Divulgação - Setembro de 2014.
- I Encontro de Diversidade e Inclusão da UFF: “Caminho e Novas Atitudes” 28 de novembro de 2014.
- Simpósio Caminhos da Inclusão - Saberes Científicos e Tecnológicos, sua Importância para o Desenvolvimento do Indivíduo Surdo. UFRJ - Agosto de 2015.
- XIV Congresso Internacional e no XX Seminário Nacional do INES: “Experiências Surdas: Políticas e Práticas” - Outubro de 2015.
- II Encontro em Diversidade e Inclusão da UFF: Olhares, Estratégias e Práticas” - Novembro de 2015.
- 1ª Jornada de Iniciação Científica (DESU/INES) - Dezembro de 2015.

### **8.2 APRESENTAÇÕES DE TRABALHOS**

- “A Literatura Surda na Sala de Artes” - I Encontro de Diversidade e Inclusão da UFF: “Caminho e Novas Atitudes” 28 de novembro de 2014.
- “O Surdo, A Criatividade e A Sustentabilidade Na sala de Artes’ - Simpósio Caminhos da Inclusão - Saberes Científicos e Tecnológicos, sua Importância para o Desenvolvimento do Indivíduo Surdo. UFRJ - Agosto de 2015.
- “Videoaulas - A Criatividade e A Sustentabilidade Nas Artes Visuais” - II Encontro em Diversidade e Inclusão da UFF: Olhares, Estratégias e Práticas” - Novembro de 2015.
- “A Sustentabilidade, A Criatividade em Videoaulas de Artes com Legendas em LIBRAS” - 1ª Jornada de Iniciação Científica (DESU/INES) - Dezembro de 2015.

## 8.3 CARTA DE ACEITE DO ARTIGO “A BRINCADEIRA ESTÁ NO AR”



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS  
Rua das Laranjeiras, 232 - Laranjeiras - 22.240-001 - Rio de Janeiro/RJ  
Tel: (21) 2285-5107 - E-mail: [dirge@ines.org.br](mailto:dirge@ines.org.br)

### CARTA DE ACEITE

O artigo intitulado **A brincadeira está no ar**, de autoria de Eliane do Nascimento Gouvêa, José Maria P. Domingues, Lucia Maria Fonseca Tenório, Murilo Castello, Noemi Beneques Horowicz, Norma da Silva Chaves, foi aceito pelo Conselho Editorial do INES e será publicado na edição 2015.1 da Revista Arqueiro.

Rio de Janeiro, 18 de março de 2016.

Atenciosamente,

Gabriela Rizo  
Dir. do Depto. de Desenvolvimento  
Humano, Científico e Tecnológico  
Matr.: 1526169

## 8.4 CARTA DE ACEITE DO ARTIGO “O USO DE HISTÓRIAS INFANTIS COMO FERRAMENTA CRIATIVA NAS AULAS DE ARTES VISUAIS”



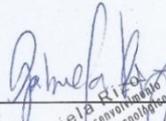
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS  
Rua das Laranjeiras, 232 - Laranjeiras - 22.240-001 - Rio de Janeiro/RJ  
Tel: (21) 2285-5107 - E-mail: [dirge@ines.org.br](mailto:dirge@ines.org.br)

### CARTA DE ACEITE

O artigo intitulado **O uso de histórias Infantis como ferramenta criativa nas aulas de artes visuais com alunos surdos – Uma Experiência em Educação Ambiental**, de autoria de Aline Vargas, Juliete Viana, Noemi Horowicz, Ricardo Malheiros, Ruth Mariani, Sandro Portella, Stella Manes, foi aceito pelo Conselho Editorial do INES e será publicado na edição 2015.1 da Revista Arqueiro.

Rio de Janeiro, 18 de março de 2016.

Atenciosamente,

  
\_\_\_\_\_  
Gabriela Ribeiro  
Dir. do Dept. de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico  
Matr.: 1528769

## 8.5 ARTIGO PUBLICADO NO JORNAL FLUMINENSE EM 18/12/2014

### PONTO DE VISTA ► O surdo, a emoção e a criatividade na arte



**Luiz Antonio Botelho Andrade**  
PROFESSOR DO INSTITUTO DE BIOLOGIA DA UFF

**Noemi Beneques Horowicz**  
PROFESSORA DE ARTES VISUAIS, INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

Nós estamos falando sobre o mesmo aluno? Esta pergunta surge com uma certa frequência entre professores de diferentes disciplinas quando os mesmos estão avaliando os alunos durante os conselhos de classe. Se a disciplina de artes estiver envolvida no contexto da avaliação e o aluno for surdo, a pergunta se torna ainda mais frequente.

Assumindo a pergunta como chave para decifrar uma questão educacional relevante, decidimos articular dois conceitos aparentemente desconexos – emoção e criatividade. Assim, apoiados no referencial teórico da Biologia do Conhecer, entendemos a emoção como uma disposição corporal, e não um sentimento, que influencia nossas escolhas e até mesmo as nossas racionalizações, no fluir recursivo do nosso viver cotidiano, com os outros.

A criatividade, por outro lado, pode ser entendida

como a capacidade humana de pensar, agir e criar o inusitado, valorizado por uma comunidade de usuários, rompendo com as rotinas do presente. Tomando em conjunto estes dois conceitos, emoção e criatividade, advogamos, em nosso ponto de vista, que a alegria, a calma, a confiança, enquanto estados emocionais, ampliam o espaço da criatividade. Contrariamente, quando o estresse, a ameaça e o medo se fazem presentes no contexto escolar, o espaço para o florescimento da criatividade é restringido, ou desaparece completamente.

A nossa experiência com alunos surdos mostra que a produção artística dos mesmos também pode ser considerada como uma forma de comunicação. Isto nos leva a pensar, e nossa experiência confirma, que o desenvolvimento da criatividade entre os surdos no espaço escolar, especialmente na Sala de Artes, melhora a comunicação, aumenta a autoestima, possibilita novas aprendizagens e, para além de tudo isto, cria um sentimento de pertencimento.

Respondendo agora a pergunta inicial: sim, nós estamos falando sobre o mesmo aluno, sobre a mesma pessoa, sobre o mesmo sujeito cognitivo.

A diferença está no espaço que oferecemos a ele, de um lado, a calma, a alegria, o lúdico, a confiança, a autoestima, o pertencimento e, como resultado, a criatividade, do outro, as formas tradicionais de se praticar a pedagogia do medo e, como resultado, alienação, repressão, evasão e o que é ainda pior, a incorporação do espírito de inferioridade e do próprio medo.

RADIO  
FLUMINENSE  
540 AM

A primeira do seu dial, também na web

Plantão da Tarde, com Túlio  
Carvalho e Paulo Viana, às 12h50.

As últimas do futebol em A Bola e o  
Craque, às 20h, com Claudio Neves.

BAND  
NEWS  
94.9

A primeira rádio FM com jornalismo 24 horas

OFLU  
revista  
Sua revista semanal de variedades

tatak  
NÍSCOOPTICACIONMESTAO  
Site de classificados on line - tatak.com.br

OFLUMINENSE  
138 anos de circulação ininterrupta

## 8.6 ENTREVISTAS

	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE</p> <p><b>INSTITUTO DE BIOLOGIA</b></p> <p><b>DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA CELULAR E MOLECULAR</b></p> <p><b>CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM DIVERSIDADE E INCLUSÃO - CMPDI</b></p>	
---	--	---

Projeto de Pesquisa:

VIDEOAULAS SOBRE ARTES EM LIBRAS: FERRAMENTAS PARA O FOMENTO DA CRIATIVIDADE E SUSTENTABILIDADE.

Mestranda: Noemi Beneques Horowicz

Entrevistado A

1) Como a fotografia começou a fazer parte da sua vida?

Começou a fazer parte da minha vida primeiramente quando eu tinha entre os dezesseis e dezessete anos fiz o curso de fotografia. Eu era muito jovem quando comecei, e me desenvolvi. Eu não conhecia a fotografia antes, nunca tive este contato, então eu não sabia como fotografar, então eu fiz o curso para ter este conhecimento, e abriu meus horizontes, e tive um olhar de outra forma, um sentimento diferente. Eu comecei a fotografar, treinar e praticar estas técnicas. Em seguida eu apresentava aos docentes para saber se eu estava certa ou errada, parecia um bebê que estava começando dar seus primeiros passos, a engatinhar e me desenvolvi muito rápido neste processo. Eu me desenvolvi na fotografia, e comecei a ensinar aos surdos, pois era mais fácil nos colocar no lugar do outro e ele percebia em mim uma percepção diferenciada sobre as coisas, ficava mais fácil esta troca entre surdos. Comecei a abrir os horizontes, conhecer a fotografia foi de extrema importância. A fotografia apoia as pessoas,

quebrou barreiras. No início o curso era muito difícil, mas depois eu fui aprendendo, foi ficando mais fácil, fui aprendendo os sinais, a temática, na hora exata de tirar uma foto, eu perguntava: qual o sinal disso? Como por exemplo o Diafragma, qual o sinal? Eu fui fazendo o sinal, o surdo não conhecia foi muito bom este apoio. Fiz parte da primeira turma há oito anos.

2) Como você se sente fazendo parte de um projeto tão importante para a valorização e inclusão do surdo na sociedade?

Para mim este projeto é muito importante, também pra ouvintes e para surdos igualmente, a fotografia é uma forma de comunicação, por exemplo, muitas vezes as pessoas falam e o surdo não é capaz de compreender, a comunicação fica complicada, se ele não sabe português, como vamos nos comunicar? Por exemplo: quando mostramos a imagem de uma árvore, ele percebe que é uma árvore ou de uma casa, ele percebe que é uma casa. Quando o surdo vê a feição triste de alguém, ele percebe através da imagem, e a comunicação se torna possível. Você me apresenta uma imagem e eu consigo através dela me comunicar com outra pessoa, é muito importante, eu quero no meu projeto informar, conseguir uma comunicação através da fotografia. Ter uma visibilidade para o surdo, melhorar a autoestima dele.

3) Como é a aceitação do surdo ao ser convidado para integrar este projeto?

A Rachel conseguiu uma parceria com a FENEIS e convidou vários fotógrafos e criaram este curso, os surdos ficaram muito empolgados. O curso era a noite eu não podia ir sozinha, minha amiga ia junto e minha família me deixou fazer o curso, porque acreditavam que o projeto apoiaria o surdo a crescer muito, eu não faltava, era muito importante para o meu desenvolvimento, não tinha outro curso desse, como seria hoje imagina, se eu não tivesse feito este curso.

4) Quais modificações este projeto acarretou na sua vida profissional?

Hoje eu trabalho, eu faço e antes eu era aluna,

5) Na sua opinião qual é a importância da fotografia para o surdo?

É importante sim a fotografia para o surdo, principalmente o visual, porque o surdo tem essa percepção visual, por exemplo na rua ele tem um olhar mais

amplo, enquanto está conversando ele olha para vários lugares diferentes, muito rápido. Por exemplo a fotografia de uma árvore, o surdo quer ver as pequenas coisas. O surdo quer ver, ele tem esta curiosidade, tem um interesse no visual, eu vejo de forma diferente a beleza das coisas. O surdo que não sabe LIBRAS fica 24 horas no visual, quando ele estuda quando ele escreve é muito importante olhar.

6) Qual a metodologia você utiliza para analisar e escolher estas fotografias?

Quem escolhe são os surdos, o grupo se junta e surgem várias opiniões, Está bom? Não está legal? Falta alguma coisa? Precisa corrigir? São várias opiniões de um grupo, todos surdos. O docente fala, orienta, porém, o grupo que escolhe.

7) Qual a grande emoção envolvida na produção de fotos feitas pelos surdos deste projeto?

Tem diferentes emoções, para mim é um prazer que me dá aprender diferentes coisas. É muito bom.

	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE</p> <p><b>INSTITUTO DE BIOLOGIA</b></p> <p><b>DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA CELULAR E MOLECULAR</b></p> <p><b>CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM DIVERSIDADE E INCLUSÃO - CMPDI</b></p>	
--	--	---

Entrevistada B

Projeto de Pesquisa:

**VIDEOAULAS SOBRE ARTES EM LIBRAS: FERRAMENTAS PARA O FOMENTO DA CRIATIVIDADE E SUSTENTABILIDADE.**

Noemi Beneques Horowicz

1) Como a fotografia começou a fazer parte da sua vida?

Começou em 2007, eu nunca tive qualquer contato com a fotografia, não fazia parte da minha vida. Até que eu participei de uma reunião de surdos, que me informaram sobre um novo curso de fotografia, fiquei interessada, fiquei curiosa. Eu nunca tinha visto nem tocado em uma câmera profissional. A docente me mostrou como fazer e percebi que estava gostando, surgiu um interesse, porque antes só tinha fotógrafos ouvintes e agora o surdo também participa. Eu me sentia bem com isso pois não existiam mais obstáculos, e eu senti-me interessada em seguir atuando na área.

2) Como você se sente fazendo parte de um projeto tão importante para a valorização e inclusão do surdo na sociedade?

Eu tinha problemas de comunicação com a minha família, dificuldades, não conseguia me comunicar com os meus pais e familiares. Sempre fiz essa comunicação através de imagens. Acho que esse é o sentimento do surdo, mais fácil comunicar através de imagens. Através da imagem você vê, explica e compreende melhor. É bom para a sociedade e para os surdos.

3) Quais modificações este projeto acarretou na sua vida profissional?

Antes eu não conhecia certas coisas ficava em casa, tinha pouco estudo. Me ajudou a desenvolver um aprendizado profissional e seguir em frente. Agradeço aos profissionais surdos e ouvintes que me ajudaram a melhorar de vida e desenvolver-me.

4) Na sua opinião qual é a importância da fotografia para o surdo?

Antes eu era um pouco fechada, não percebia a importância que a fotografia tinha, mas realmente tinha uma importância. Abriu-me um sentimento de liberdade, felicidade, porque antes eu não me sentia um pouco triste, amargurada. Deu-me prazer em mudar de vida.

5) Qual a metodologia você utiliza para analisar estas fotografias?

Eu não escolho, eu vou fotografando e entregando ao docente e ele vai vendo como se deu a mudança gradativamente.

6) Qual a grande emoção envolvida na produção de fotos feitas pelos surdos deste projeto?

A Grande maioria dos surdos desconhece a fotografia. A primeira turma surgiu e o desejo era disseminar estes conhecimentos, para que outros surdos também conhecessem. Nosso desejo era partilhar este sentimento. A palavra que define a minha emoção é a felicidade, muita felicidade.

	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE</p> <p><b>INSTITUTO DE BIOLOGIA</b></p> <p><b>DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA CELULAR E MOLECULAR</b></p> <p><b>CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM DIVERSIDADE E INCLUSÃO - CMPDI</b></p>	
--	--	---

Projeto de Pesquisa:

**VIDEOAULAS SOBRE ARTES EM LIBRAS: FERRAMENTAS PARA O FOMENTO DA CRIATIVIDADE E SUSTENTABILIDADE.**

Mestranda: Noemi Beneques Horowicz

Entrevistado C

1) Como a fotografia começou a fazer parte da sua vida ?

Eu comecei 2009. Dois surdos me informaram sobre o curso e perguntaram se eu gostaria de participar, eu tive interesse e aceitei. E dei prosseguimento.

2) Como você se sente fazendo parte de um projeto tão importante para a valorização e inclusão do surdo na sociedade?

O surdo na sociedade é importante, mas o surdo e o ouvinte são diferentes entre si. A maioria dos ouvintes tem muitas oportunidades, mas para o surdo quase nenhuma. Pois na sociedade falta estimular o processo educativo, para ele desenvolver o aprendizado, pois falta acessibilidade, faltam cursos voltados para o aprendizado do surdo. Pois para os ouvintes já possuem, mas para os surdos ainda faltam. Ainda há ausência de acessibilidade e respeito ao surdo.

3) Como é a aceitação do surdo ao ser convidado para integrar este projeto?

Eu gostei fiquei feliz com convite para vir aqui ao Rio de Janeiro pra fazer essa apresentação eu fiquei muito feliz apresentar meu trabalho muito orgulhoso como surdo

4) Quais modificações este projeto acarretou na sua vida profissional?

Antes eu não tinha nenhum conhecimento então eu comecei a fazer o curso senti essa mudança profissional na minha vida, muito importante, comecei a ver coisas de um jeito diferentes, ir a lugares diferentes, eu tinha dificuldades, conhecendo o FotoLIBRAS tive esse interesse foi muito importante.

5) Na sua opinião qual é a importância da fotografia para o surdo?

Acho muito importante a fotografia para o surdo, fortalece a comunidade surda, as imagens são importantes.

6) Qual a metodologia você utiliza para analisar estas fotografias?

Gosto muito de fotografar crianças e pessoas carentes.

7) Qual a grande emoção envolvida na produção de fotos feitas pelos surdos deste projeto?

A pobreza. Pois a pobreza traz me uma emoção muito grande. E as crianças, vendo nesse movimento me engrandece.